

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**A FUNÇÃO COESIVA DOS PRONOMES RELATIVOS NOS HIPERTEXTOS DA
REDE SOCIAL FACEBOOK**

**SÃO LUÍS
2020**

EVELINE DOS SANTOS JARDIM

**A FUNÇÃO COESIVA DOS PRONOMES RELATIVOS NOS HIPERTEXTOS DA
REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado em Letras apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLEtras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima

**SÃO LUÍS
2020**

EVELINE DOS SANTOS JARDIM

**A FUNÇÃO COESIVA DOS PRONOMES RELATIVOS NOS HIPERTEXTOS DA
REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de Mestrado em Letras apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLEtras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Veraluce da Silva Lima
Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares
Examinador Externo
Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Maria da Graça dos Santos Faria
Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Mônica Fontenelle Carneiro
Membro Suplente
Universidade Federal do Maranhão

“Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda!”

Mário Sérgio Cortella

Em minha vida, sempre tive vontade de fazer o Mestrado e acredito que minha família foi muito importante na concretização deste sonho. Por isso, dedico este trabalho à minha mãe e à minha tia, pois são as pessoas que sempre torceram e me incentivaram no meu crescimento pessoal e intelectual.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus sua presença em minha vida, sendo meu apoio em todas as circunstâncias. Sem Ele, eu não teria forças para enfrentar todas as dificuldades, no decorrer de minha jornada acadêmica no Mestrado.

Agradecimentos especiais às seguintes pessoas:

- À família, nas pessoas de Maria Célia Neco dos Santos e Melzi Ana dos Santos Jardim, por toda a oportunidade que sempre me deram na vida inteira, em relação a crescer por meio dos estudos e por serem a melhor Mãe e Tia que Deus poderia me conceder.

- À Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima. Eu não poderia ter melhor Orientadora de Mestrado. Muito cuidadosa nos seus direcionamentos e observações, uma grande professora e pesquisadora, detentora de um conhecimento admirável na área de Letras e um exemplo de estudiosa que quero ser, com ao menos uma fração de seu vasto conhecimento.

- Aos Professores Doutores Thiago Barbosa Soares, Maria da Graça dos Santos Faria e Mônica Fontenelle Carneiro, pelos acréscimos relevantes no momento do Exame de Qualificação, com observações que muito me ajudaram na finalização da minha Dissertação.

- Às Professoras Doutoradas Sônia Maria Corrêa Pereira Mugschl e Mônica Fontenelle Carneiro, pela socialização de conhecimentos na disciplina Fundamentos em Morfossintaxe.

- Ao Prof. Dr. João da Silva Araújo Júnior, pelos excelentes ensinamentos no âmbito da disciplina Tecnologia e aprendizagem de línguas, um fator importante no desenvolvimento da minha investigação.

- À Professora Doutora Conceição de Maria de Araújo Ramos, pelas excelentes aulas de Teorias Linguísticas, as quais foram importantes para ampliar meus conhecimentos linguísticos.

- A Washington Luís Praseres Morais Júnior, um maravilhoso homem, pelo companheirismo, por sempre estar ao meu lado, me apoiando e sempre dizendo para eu estudar.

- Aos amigos que sempre torceram pela minha vitória, em especial, Edson Matos dos Santos Júnior, Isabela de Moraes, Lilian Fontes da Costa, Lorena Araújo,

Lorena Laís Mendes Cavalcante, Letícia Gantzas Abreu, Elimária Oliveira Lima, Letícia Maciel do Vale, Karime Reis Aires, Fabíola Christiane Rocha Frota Ferreira, Bianca Fontenele Lemos, Keila Rackel Tavares, Carlos Fabrício Brandão Santos e Matheus André Vaz da Silva.

- Ao Mestre Evaldo Carlos de Oliveira Cardoso, uma pessoa digna de aplausos, um grande amigo que conheci no Mestrado, por me ter auxiliado em vários momentos, dialogando bastante comigo e me transmitindo sempre calma em todas as fases da minha pesquisa.

- À Dona Creusa Maria do Nascimento Moraes, uma grande amiga que conheci em São Luís, que considero como uma segunda mãe, por sempre conversar comigo e me estimular a vencer todas as barreiras.

- À querida Luanny Alda Barros Ramos, uma amada amiga que também conheci em São Luís, pela amizade que temos e por sempre me fortalecer em nossos diálogos.

A todos, MUITO OBRIGADA, do fundo do meu coração!

RESUMO

O presente estudo analisa a função coesiva dos pronomes relativos, nos hipertextos da Rede Social *Facebook*, como um fator responsável pela continuidade semântica das informações que vão se estabelecendo no desenvolvimento da textualidade. Os sentidos do texto vão sendo construídos por elementos linguísticos expressos na tessitura textual que dá forma à materialidade dos hipertextos, como é o caso dos pronomes relativos. Os autores que dão suporte teórico ao trabalho são, dentre outros que discutem os fundamentos teórico-metodológicos relativos ao nosso objeto de estudo: Antunes (2005), Arnauld e Lancelot (2001), Cavalcante (2011, 2012, 2013, 2014), Costa Val (1994), Chizzoti (2016), Fávero (1991), Koch (2002, 2009, 2017, 2018), Lèvy (1993,1999), Marcuschi (2008, 2012), Shepherd; Saliés (2013), Barton e Lee (2015). Os procedimentos metodológicos são de base qualitativa, tendo na Fenomenologia da Percepção (MERLEAU-PONTY, 2006) a trajetória de apreensão da realidade investigada. Como princípio de coleta de dados, utilizamos a construção de um *corpus* composto por 60 (sessenta) hipertextos, capturados da Rede Social *Facebook*. Do *corpus* construído, selecionamos 16 (dezesesseis) hipertextos que foram identificados como Descrições dos sujeitos da pesquisa. Esses hipertextos foram analisados com base nos seguintes procedimentos metodológicos: a) análise ideográfica que consiste na análise de cada hipertexto/Descrição, com identificação das Unidades de Significado e síntese de cada Descrição; b) análise nomotética, momento em que realizamos a convergência das Descrições analisadas, para identificação das categorias abertas, também conhecidas como categorias de análise. Foram Identificadas 3 (três) categorias abertas: *Expressão Referencial com Função de Sujeito*, *Expressão Referencial com Função de Complemento Verbal* e *Introdutor Oracional*. Essas categorias foram compreendidas/interpretadas à luz dos fundamentos teórico-metodológicos que embasaram a pesquisa e possibilitaram revelar faces importantes do fenômeno por nós estudado que, acreditamos, abrem um caminho profícuo para futuras pesquisas, podendo alguns aspectos, com o avançar dos estudos, serem reapreciados, ampliados ou até mesmo refutados, em função de uma epistemologia linguística consistente e aberta a mudanças produtivas, principalmente para a Linguística Textual, no que diz respeito à incursão da investigação para o universo digital, que alberga interações humanas na Web, um terreno ainda pouco explorado pela linguística e que tem muito a oferecer em termos de pesquisa e poderá contribuir para ampliar os estudos sobre a textualidade e os sentidos evocados pelos hipertextos como produto da interação social no ciberespaço que emana de saberes históricos, sociais e coletivos.

Palavras-Chave: Hipertexto Digital. Coesão Textual. Função dos Pronomes Relativos. Fenomenologia

ABSTRACT

The present study aim is the relative pronouns paper in hypertexts social Facebook as a responsible fact for the continuing semantics information established in textuality development. Text meaning is built along linguistic elements expressed in the text itself, gaining hypertexts material form, as the relative pronoun. The main authors who give support to our theory survey are among others: Antunes (2005), Arnauld and Lancelot (2001), Cavalcante (2011, 2012, 2013, 2014), Costa Val (1994), Chizzoti (2016), Favero (1991), Koch (2002, 2009, 2017, 2018), Lèvy (1993, 1999), Marcuschi (2008, 2012), Shepherd and Saliés (2013), Barton and Lee (2015). The methodology procedures are of qualitative basis, using in Merleau-Ponty (2006) Phenomenology Perception the inquiry reality understanding path. For the collecting data-base we built a “corpus” consisting of 60 (sixty) hypertext excerpts from social Facebook. From that “corpus”, we selected 16 (sixteen) hypertexts to identify them as research subject description. Those hypertexts were analysed a under the following methodology procedures: a) ideography analysis – starting analysis of each text identifying unit meaning and synthesis of each description; b) nomotectics analysis – when you join together analysed descriptions in order to identify open categories, also known as analysis categories. Then, three open categories were identified: Subject Referential Expression Paper, Verbal Complement Referential Expression Paper and Clause Introducer Referential Paper. Those categories were interpreted under the understanding of methodology theory basis that gave support to a research and made it possible to reveal important insights on the phenomenon we studied that we believe can open new useful way to future researches and some profitable and advanced studies in linguistic open to useful changes, especially with regards to text linguistic in the digital cyberspace with people in the web. These elements can also contribute to increase studies about textuality and their meaning coming out of interaction on historic, social and collective knowledge.

Keywords: Digital Hypertext. Text Cohesion. Relative Pronouns Paper. Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	A Rede Social Facebook	20
Figura 2:	Estrutura do Hipertexto Digital	48
Figura 3:	Crêterios Gerais de Textualidade	50
Figura 4:	Mecanismo de Constru�o Recursiva	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Análise Ideográfica da Descrição 1	72
Quadro 2:	Análise Ideográfica da Descrição 2	72
Quadro 3:	Análise Ideográfica da Descrição 3	73
Quadro 4:	Análise Ideográfica da Descrição 4	73
Quadro 5:	Análise Ideográfica da Descrição 5	74
Quadro 6:	Análise Ideográfica da Descrição 6	74
Quadro 7:	Análise Ideográfica da Descrição 7	75
Quadro 8:	Análise Ideográfica da Descrição 8	75
Quadro 9:	Análise Ideográfica da Descrição 9	76
Quadro10:	Análise Ideográfica da Descrição 10	76
Quadro11:	Análise Ideográfica da Descrição 11	77
Quadro12:	Análise Ideográfica da Descrição 12	77
Quadro13:	Análise Ideográfica da Descrição 13	78
Quadro14:	Análise Ideográfica da Descrição 14	78
Quadro15:	Análise Ideográfica da Descrição 15	79
Quadro16:	Análise Ideográfica da Descrição 16	79
Quadro17:	Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas	80
Quadro18:	Quadro Ilustrativo de Convergência das Categorias nas Descrições dos Sujeitos	85
Quadro19:	A Progressão Textual por meio do Pronome Relativo	89
Quadro20:	Pronome Relativo com Função de Sujeito	90
Quadro21:	Ordem Direta da Oração	91
Quadro22:	Quadro das Orações Adjetivas	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 OS CONTORNOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	17
1.1 A Trajetória Metodológica	17
1.2 O Facebook como Locus da Pesquisa	19
1.3 O Tratamento dos Dados	21
2 O TEXTO COMO MANIFESTAÇÃO DA LÍNGUA(GEM) E DE INTERAÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA	30
2.1 Linguística Textual: Origem e Evolução	30
2.2 O Texto no Processo de Interação e Construção de Sentido(s) ...	35
2.3 O Hipertexto Digital como um Evento Sociocomunicativo	44
3 A COESÃO TEXTUAL: Interpretabilidade e Construção de Sentido(s) do Texto	50
3.1 Conceito e Mecanismos de Construção da Coesão Textual	50
3.2 Mecanismo de Coesão Textual por Substituição Gramatical	57
4 O PRONOME RELATIVO E A COESAO TEXTUAL	62
4.1 O Pronome Relativo e o Mecanismo de Construção Recursiva ...	62
4.2 O Pronome Relativo e o Mecanismo de Coesão Textual	65
5 A COESÃO NO HIPERTEXTO DIGITAL: a Pesquisa	71
5.1 Análise dos Dados	71
5.1.1 Análise Ideográfica	71
5.1.2 Análise Nomotética	80
5.2 Construção dos Resultados	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

A hipertextualidade está presente em várias ações na nossa vida. Com a era das comunicações virtuais e a inserção dos gêneros digitais nos estudos linguísticos, o estudo da hipertextualidade se torna importante, uma vez que o hipertexto pode ser tratado "como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros, dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas" (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p.31). Podemos afirmar que o hipertexto não segue regras definidas, ele possui um conteúdo não linear, ou seja, a ele podem ser acrescentados vários textos com diversas imagens, fotos, vídeos.

A pesquisa que realizamos visa investigar a função coesiva dos pronomes relativos nos hipertextos da Rede Social *Facebook*. Analisamos a coesão textual como um fator de textualidade, tendo como ponto de partida a definição de texto, entendido como "ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal" (COSTA VAL, 1994, p.3). Isto porque a interação entre as pessoas, a produção do texto, as variações sociais da linguagem revelam a unidade sociocomunicativa do texto produzido, o qual precisa ter um sentido, um significado para o receptor da mensagem, possibilitado pela unidade semântica. Já a unidade formal depende da compreensão linguística do texto, isto é, está relacionada à coesão.

Ressaltamos que, para o texto ser compreendido pelo interlocutor, ele precisa ser analisado em relação a três pontos específicos: "O pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; o formal, que diz respeito à sua coesão" (COSTA VAL, 1994,p.4-5). Assim, para analisarmos a coesão como elemento de textualidade, devemos buscar apreender um "conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto". Essas características, também chamadas de "propriedades da textualidade" (BEAUGRANDE; DRESSLER *apud* FÁVERO, 1991, p.28), têm se tornado objeto de estudo da língua por muitos teóricos, entre os quais destacamos Antunes (2005), Cavalcante (2011, 2012, 2013, 2014), Costa Val (1994), Fávero (1991), Koch (2002, 2009), Marcuschi (2008,2012).

Com o advento da internet, uma multiplicidade de textos tem sido colocada à nossa disposição. Esses textos são marcados por elos semânticos que nos permitem passar de um ao outro quando os ativamos. São esses textos que

estamos nos propondo a investigar, mais especificamente, os textos produzidos na Rede Social Facebook, os quais apresentam um sistema de escritas interconectadas.

A presente pesquisa parte da hipótese de que os elos semânticos presentes nos hipertextos funcionam como elementos de coesão textual, uma vez que estão fisicamente ancorados, por exemplo, a uma palavra ou frase, como é o caso dos pronomes relativos. Esses pronomes desempenham “simultaneamente dois papéis: enquanto pronome, recebem funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça; enquanto conjunção, ligam a adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz” (CASTILHO, 2010, p.368-269).

Esse fato nos induz à seguinte questão norteadora: De que modo os usuários da Rede Social *Facebook* empregam o pronome relativo para estabelecer a coesão textual?

Para respondermos a esse questionamento, buscamos os pressupostos teóricos da Linguística Textual, considerando que tomamos como instrumento de análise o texto e as relações que são estabelecidas na superfície textual, no sentido de apreender a função coesiva dos pronomes relativos. Essa função está diretamente ligada aos mecanismos de coesão empregados pelos interagentes para o estabelecimento dos sentidos dos textos produzidos na Rede Social *Facebook*.

Também nos fundamentamos na Linguística da Internet, uma vez que tomaremos por base o uso da língua(gem) no ambiente virtual como uma prática linguístico-discursiva, veiculada por meio de recursos semióticos, tendo nos hipertextos um instrumento de fundamental importância no processo de interação. Esses hipertextos se concretizam quando o interagente acessa a Rede Social *Facebook* para mostrar seu ponto de vista a respeito de determinado assunto ou para interagir com outras pessoas, caracterizando-se, portanto, como reflexos dos discursos do ambiente vivenciado por esses interagentes. Dentre os estudos que fundamentarão essa área de conhecimento, estão os de Barton e Lee (2015), Crystal (2001), Shepherd e Saliés (2013), Recuero (2014), Lévy (1993.1999).

A relevância deste estudo, a partir das abordagens descritas neste trabalho, consiste em trazer contribuições sobre aspectos da textualidade presentes nos hipertextos publicados no espaço digital, acrescentando, assim, ao conjunto de conhecimentos científicos sobre a Linguística Textual e a Linguística da Internet, possíveis facetas que ainda são pouco exploradas, como a crescente produção de

textos digitais em língua portuguesa, a qual requer uma Linguística própria que dê conta dessa produção.

Para desvelamento de nosso objeto de estudo, percorremos a trajetória fenomenológica como método de apreensão do real, por se tratar de uma modalidade de pesquisa qualitativa que procura desvelar a realidade, a partir de uma consciência que se dirige para a realidade investigada, atribuindo-lhe significados. Isso não quer dizer que outras modalidades de pesquisa, como as de natureza quantitativa, não dessem conta de abarcar o objeto de estudo em análise. Nossa opção pela trajetória fenomenológica decorreu da afinidade entre a concepção epistemológica que embasa a Fenomenologia e a nossa visão de mundo e nossa concepção de ciência.

Segundo Merleau-Ponty (2006, p.3),

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele.

Ressaltamos que a ciência como “expressão segunda” não quer dizer que ela seja inferior; significa que entre a ciência e o mundo existe uma mediação, ou seja, não é uma apreensão direta do real. Nesse sentido, a Fenomenologia nos possibilita penetrar na significação da palavra, captando os sentidos, ao buscarmos compreender a função coesiva do pronome relativo nos hipertextos da Rede Social *Facebook*, *locus* de nossa investigação.

A pesquisa tem como princípio de coleta de dados a construção de um *corpus* entendido como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar” (BARTHES, 1992, p.104). Esse corpus, construído, a partir da captura dos hipertextos produzidos no Perfil da pesquisadora na Rede Social *Facebook*, é formado por 60 (sessenta) hipertextos.

O trabalho está organizado em 6 (seis) capítulos. O Primeiro Capítulo, intitulado OS CORTORNOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA, trata dos procedimentos metodológicos empregados para desvelamento de nosso objeto de

estudo. Nesse Capítulo, apresentamos os princípios da Fenomenologia como metodologia adotada na pesquisa, bem como o Facebook como o *lócus* da pesquisa de onde foram retirados os hipertextos para a construção do *corpus* e o tratamento de análise dos dados

O Segundo Capítulo traz como título O TEXTO COMO MANIFESTAÇÃO DA LÍNGUA(GEM) E DE INTERAÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA. Nesse Capítulo, mostramos o texto e sua função sociocomunicativa e discursiva. Apresentamos de forma sucinta a evolução da Linguística Textual, desde o seu surgimento até o momento em que ocorre a fase mais recente, denominada sociocognitiva-interacional e discursiva, que é o viés central de nossa pesquisa. Também apresentamos o hipertexto como uma prática de linguagem situada no ciberespaço.

No Capítulo 3, intitulado A COESÃO TEXTUAL: Interpretabilidade e Construção de Sentido(s) do Texto, discutimos sobre a coesão textual e as relações semânticas que ela possui no percurso do texto para a construção do sentido que vai se estabelecendo na superfície textual. Também mostramos o conceito e os mecanismos de construção da coesão textual, bem como os mecanismos de coesão textual por substituição gramatical, destacando os recursos linguísticos empregados como elos semânticos nas produções textuais.

No Capítulo 4, apresentamos O PRONOME RELATIVO E A COESÃO TEXTUAL, dando ênfase ao pronome relativo e os mecanismos de construção recursiva e de coesão textual, buscando apresentá-lo como um recurso linguístico da coesão textual que contribui para a construção dos sentidos dos hipertextos.

O Capítulo 5 traz a pesquisa que realizamos. Esse Capítulo, A COESÃO NO HIPERTEXTO DIGITAL: o Estudo Empírico, consta das análises dos hipertextos selecionados do corpus que construímos. Foram selecionados 16 (dezesesseis) hipertextos, os quais foram analisados em dois momentos: o da análise ideográfica que trata os hipertextos individualmente como Descrições dos sujeitos da pesquisa; o da análise nomotética, na qual são identificadas as categorias de análise, por meio da convergência das Descrições analisadas individualmente. Nesse Capítulo, trazemos também a construção dos resultados da pesquisa, após vivenciarmos os dois momentos de análise.

O Capítulo 6 apresenta nossas CONSIDERAÇÕES FINAIS. Nesse Capítulo, retomamos a questão norteadora do trabalho, a qual nos possibilitou o desvelamento de nosso objeto de investigação, num movimento de idas e vindas. Os

resultados decorrentes da análise dos hipertextos digitais selecionados revelaram que, na estrutura hipertextual peculiar aos ambientes virtuais, a coesão textual, assim como nos textos produzidos fora do espaço virtual, também se manifesta por meio de recursos linguísticos devidamente articulados entre si, como é o caso dos pronomes relativos empregados na interação sociocomunicativa entre os interagentes da Rede Social *Facebook*.

Feitas essas considerações, acreditamos que nossa pesquisa traz contribuições significativas para os estudos da linguagem, uma vez que aponta padrões linguísticos cultivados por indivíduos conectados, revelando que a língua é dinâmica e deve ajustar-se às condições em que a interação acontece. Também traz contribuições para o redimensionamento de uma política linguística para o ensino de língua portuguesa que considere o uso concreto da língua. Reconhecemos os limites e as lacunas de nosso trabalho, mas ele pode se tornar um ponto de partida para que outras possibilidades de estudo possam surgir.

1 OS CONTORNOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste Capítulo, apresentamos a trajetória metodológica que percorremos para elucidar o fenômeno de nossa investigação: A Função Coesiva dos Pronomes Relativos nos Hipertextos da Rede Social *Facebook*. Essa trajetória, no Brasil, tem sido utilizada em pesquisas de base qualitativa, em diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, em administração (SILVEIRA, FISHER, OLIVIER, 2010; MOREIRA, 2004), em psicologia (CAMPOS, 1945; GOTO, 2008; FORGHIERI, 2006; REZENDE, 1990), em educação (BICUDO; ESPÓSITO, 1994; FINI, 1994; MACHADO, 1994, 1996; MARTINS, 1992; SANTOS, 1997, 2006).

No Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Programa do qual somos discente, essa abordagem metodológica também foi utilizada para apreensão da realidade, como foi o caso de: Viana (2017), Frazão (2018), Cardoso (2019).

O Capítulo está organizado em três subtópicos. O primeiro subtópico trata da trajetória metodológica que percorremos para apreensão de nosso objeto de investigação. O segundo subtópico aborda a rede social Facebook como a região de inquérito de onde foram retirados os dados da pesquisa. O terceiro subtópico apresenta o tratamento que demos aos dados coletados, para a construção dos resultados da pesquisa.

1.1 A Trajetória Metodológica

Escolhemos a Fenomenologia como trajetória metodológica por ter como o ponto de partida o “ir à coisa mesma” (HUSSERL, 2006) e por nos possibilitar um processo de investigação dependente do pesquisador como um atribuidor de significados, a partir de uma intencionalidade.

Chizzoti (2016) faz considerações a respeito da pesquisa qualitativa, apresentando a importância para os estudos científicos. Para este autor,

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da Fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre,

e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. (CHIZZOTI, 2016, p. 28).

O trajeto qualitativo com base na Fenomenologia nos permite uma análise melhor qualificada para a interpretação dos dados coletados, fazendo-nos aproximar do nosso objeto de estudo – A função coesiva dos pronomes relativos nos hipertextos da Rede Social *Facebook* –, com o objetivo de tornar visível e explícita a constituição das experiências do mundo-vida dos sujeitos pesquisados, livre de qualquer concepção pré-concebida. Isto porque

[...] o sentido que aparece na intercessão de minhas experiências e na intercessão de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de uma sobre as outras. Ele é, pois inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que fazem em sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU_PONTY, 1990, p.49).

Na trajetória fenomenológica, os fenômenos são experienciados por sujeitos historicamente situados e o pesquisador vivencia três momentos, a saber: a descrição, a redução fenomenológica ou *epoché* e a compreensão/interpretação. Esses momentos devem ser vivenciados como passos ou sequências que não se limitam metodologicamente, mas se constituem em processo

A **Descrição**, primeiro momento da trajetória, coloca o pesquisador em contato com o mundo vida dos sujeitos da pesquisa, utilizando a percepção. A tônica desse primeiro momento é a percepção do sujeito pesquisador, o qual inicia o processo de reflexão e se vê capaz de experienciar o corpo vivido por meio da consciência que é sempre *consciência de alguma coisa*.

O segundo momento, a **Redução Fenomenológica** ou ***epoché***, é o momento em que o pesquisador procura situar-se diante dos dados da pesquisa, no sentido de buscar entender em sua essência o fenômeno pesquisado. Nesse momento, são destacadas as Unidades de Significado das descrições/textos dos sujeitos da pesquisa. Na redução fenomenológica, o objetivo é

[...] determinar, selecionar quais as partes da descrição que são consideradas essenciais e aquelas que não são. Em outras palavras, deseja-se encontrar exatamente que partes da experiência são verdadeiramente partes da nossa consciência, diferenciando-as daquelas que são simplesmente supostas (MARTINS, 1992, p.59).

Para esse momento, utilizamos a *variação imaginativa*, técnica de pesquisa que “consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parece possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência”. (MARTINS, 1992, p.60).

Assim, o pesquisador seleciona das descrições/textos dos sujeitos o que é essencial e que se constitui momentos da experiência desses sujeitos, com a consciência sempre voltada para a experiência vivenciada pelos sujeitos, num investigar cuidadoso, com o pesquisador sempre interrogando, procurando ver além das aparências, ou seja, procurando ver o essencial do objeto de investigação.

O terceiro momento, a **Compreensão/Interpretação**, se constitui em uma tentativa de especificar o *significado* “como uma forma de investigação da experiência” (MARTINS, 1992, p.78). O investigador busca organizar uma síntese das unidades significativas. Esse momento permite ao investigador interpretar as convergências e as idiosincrasias reveladas a partir da confluência das Unidades de Significado que dão origem a *categorias abertas*, entendidas como “possibilidades abertas, possíveis de circunscrever a situacionalidade do fenômeno, sem, no entanto, impedir sua transcendência” (SANTOS, 1997, p.45).

Esse momento, na pesquisa, permite ao pesquisador captar as possibilidades de existência do *ser-aí* no contexto do mundo (MERLEAU-PONTY, 2006) e implica a interpretação como o desenvolvimento de possibilidades projetadas na compreensão, tentando desvelar o fenômeno no sentido em que esse desvelamento é possível.

1.2 O Facebook como Lócus da Pesquisa

A pesquisa é situada na Rede Social *Facebook*, um espaço virtual que congrega usuários agrupados de acordo com seus interesses em comum, possibilitando a interação entre seus usuários através dos textos, o que favorece o surgimento de hipertextos multimodais e interativos. Conforme Kirkpatrick (2011), o *Facebook* foi

explicitamente concebido e projetado por Zuckerberg e seus colegas como uma ferramenta para melhorar os relacionamentos com as pessoas que você conhece pessoalmente – seus amigos no mundo real, conhecidos, colegas de classe ou de trabalho. [...] É um novo tipo de ferramenta de comunicação baseada em relações reais entre indivíduos e proporciona fundamentalmente novos tipos de interação (KIRKPATRICK, 2011, p.20).

Por possibilitar novos tipos de interação, consideramos a Rede Social *Facebook* de fundamental importância para nossa pesquisa, uma vez que buscamos investigar a função coesiva dos pronomes relativos nos hipertextos produzidos nessa Rede Social. Em vista dessa interatividade na referida Rede, consideramos fundamental retomarmos o objetivo geral de nossa pesquisa que consiste em investigar a função coesiva dos pronomes relativos nos hipertextos da Rede Social *Facebook*, seguido dos objetivos específicos que se consistem em “identificar os pronomes relativos nos hipertextos publicados na Rede Social *Facebook*” e “analisar os pronomes relativos como um recurso de coesão textual que possibilita a continuidade e a construção de sentidos dos hipertextos da referida Rede. Os dados foram coletados da nossa página de Perfil, local onde as interações e inúmeras postagens relacionadas a temas variados são mais frequentes, propiciando uma produção textual colaborativa cuja escrita é sua forma de materialização mais usual. Isto porque

No Facebook, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos. O Efeito Facebook pode criar uma repentina convergência de interesses em torno de uma notícia, uma música ou um vídeo do You Tube (KIRKPATRICK, 2011, p.17).

A Figura 1 demonstra como se caracteriza nossa página de Perfil na Rede Social Facebook.

Figura 1 – A Rede Social Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com>

1.3 Tratamento dos Dados

Para a coleta de dados, foi construído um *corpus*, procedimento qualitativo que “garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo” (BAUER; AARTS, 2002, p. 40). A construção do *corpus* foi baseada na noção de Barthes (1992, p. 104) acerca do fato dessa noção se constituir em “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar” (BARTHES, 1992, p. 104).

Para a construção do *corpus*, tomamos a questão norteadora da pesquisa:

De que modo os usuários da Rede Social Facebook empregam o pronome relativo para estabelecer a coesão textual?

Para responder a essa questão, optamos capturar os hipertextos de nossa página de Perfil, a partir da seleção entre as postagens feitas pelo grupo de amigos que possuímos na referida rede social. Procuramos criar critérios de seleção do *corpus* para coleta dos hipertextos.

Os critérios foram os seguintes:

- 1º critério: os hipertextos deveriam ser postagens de interagentes com nível superior;
- 2º critério: hipertextos deveriam tratar de temas do cotidiano como: política, religião, educação, cultura em geral;
- 3º critério: os hipertextos deveriam conter pelo menos 1 parágrafo.

Definidos os critérios de seleção do *corpus*, procuramos capturar os hipertextos no Facebook. Assim, a partir de novembro de 2018, iniciamos a construção do *corpus* de nossa pesquisa. Nesse movimento, capturamos 60 (sessenta) hipertextos, utilizando como procedimento a realização de *print screens*, os quais foram arquivados em pasta de computador, para posterior seleção. Procuramos organizar esses hipertextos por temas, devido à variedade de assuntos tratados pelos interagentes, no Facebook. Como a pesquisa tratava do uso dos pronomes relativos, nossa hipótese foi a de que encontraríamos os vários tipos dessa categoria gramatical, nos hipertextos do *corpus* construído, considerando a variedade de assuntos referida anteriormente.

Para esta dissertação, selecionamos 16 (dezesseis) hipertextos do corpus construído para análise. Esses hipertextos estão sendo considerados como as Descrições dos sujeitos da pesquisa e estão numerados em ordem crescente de 1 a 16, organizados da seguinte forma:

Tema 1: Política, formado por 3 hipertextos;

Tema 2: Religião, formado por 3 hipertextos;

Tema 3: Educação, formado por 3 hipertextos;



Tema 4: Outros Assuntos, formado por 7 hipertextos.

A seguir, apresentamos as Descrições selecionadas para análise.




Tema 1 – Política

Descrição 1

Tudo de ruim que acontece com o país ainda é legado de gestão petista. Muita grana já voltou para os cofres públicos com esse governo atual e creio que nesse ritmo vamos chegar em uma potência mundial. Agora nos estados e municípios que possui essa praga vermelha só lamento pois suas resistências são contra o bem do nosso país.

  16




1 comentário • 1 compartilhamento




 Curtir  Comentar  Compartilhar

Descrição 2

No andar da carruagem, a tropa governista parece desejar é uma Reforma da "Previdên\$ia". Isso mesmo, com o "\$" da capilização que, no fim das "conta\$", só vai te (nos) deixar "li\$ão" (ões).

A quem intere\$\$a de fato e\$\$e de\$enho de Reforma?

   25

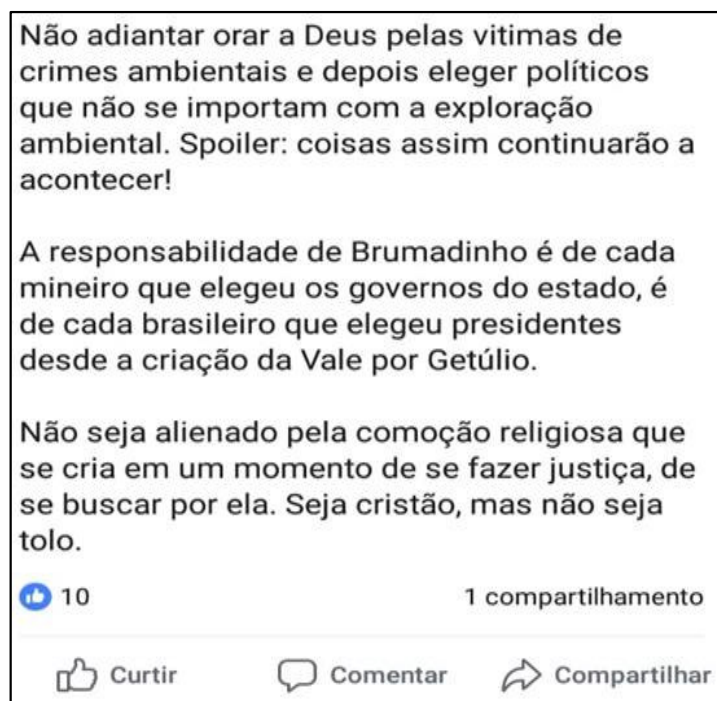
 Curtir  Comentar  Compartilhar

Descrição 3



Tema 2 – Religião

Descrição 4



Descrição 5

O bem que se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno.

(...) porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele a quem o Senhor recomenda.

2 Coríntios 10:18



2 compartilhamentos



Curtir



Comentar



Compartilhar

Descrição 6

O louvor a Deus não o impressiona. Serve para nossa própria edificação. Deus se alegra sim e nos incentiva a que cantemos salmos em ação de graças, porém a beleza da adoração é o que ela proporciona em nós e não no exterior. O louvor edifica, transforma, limpa a alma e gera em nós a gratidão e o sentimento de que estamos bem seguros na mão do Altíssimo!



Curtir



Comentar







Compartilhar

Tema 3 – Educação

Descrição 7

Teve uma fala que me marcou na manifestação de hoje. " Se hoje temos meia passagem, foram jovens que foram para as ruas lutar por esse direito e hoje esses mesmos jovens também estavam lá, só que agora de cabelos brancos". Eu sou um deles e tenho orgulho de continuar lutando por um país melhor para todos. Esse é só um dos inúmeros exemplos de que quando nos organizamos e lutamos juntos nós conseguimos. A luta continua!!! 🙌❤️




  Isa Ribeiro e outras 25 pessoas 6 comentários




 Curtir  Comentar

Descrição 8

Você tem um guru que se diz filósofo, um ministro que é súdito deste dito filósofo, mas você abomina a filosofia nas universidades.

Alguém me explica o inexplicável, por favor.

   40 1 comentário • 1 compartilhamento

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Descrição 9

Minha homenagem ao Dia da Língua Portuguesa.

Lusofonia




Não chego a Bilac neste intento,
Contudo, vou prestar uma homenagem
Ao idioma Português, nossa língua(gem),
Com que falo, escrevo e (re)invento.




E o faço com amor, contentamento,
Co'esperança, ternura e coragem
De um viajante que leva na bagagem
O Idioma, guardião do pensamento.

O Latim do passado-hegemonia
Ressurge noutras línguas renovado,
Refutando o dito "língua morta",

Falácia de argumento reprovado.
Isso posto, agora, o que importa
É celebrar, ó nações-lusofonia!

Evaldo Carlos




   41 10 comentários • 1 compartilhamento




 Curtir  Comentar  Compartilhar

Tema 4 – Outros Assuntos

Descrição 10

**Hoje eu dei um conselho
sobre desamor. Há um
sentido reordenador em
desamar quem
sucessivamente nos
arrancou o tutano da vida.**

   66 4 compartilhamentos

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Descrição 11

O ato de empoderar é considerado uma atitude social que consiste na conscientização dos variados grupos sociais, principalmente as MINORIAS, sobre a importância do seu posicionamento e visibilidade como meio para lutar por seus direitos.

  10

 Curtir

 Comentar

Descrição 12

Viajei com um casal francês e uma bebezinha ao meu lado. Ela muito simpática conversava comigo enquanto o pai cuidava da neném no colo. Pense numa bebezinha graciosa, da bochechinha rosada sorrindo para mim?! Coisa mais linda do mundo! Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. Que é o certo. Eles realmente estão cuidando em parceria.

 3

 Curtir

 Comentar

 Compartilhar

Descrição 13

"Qual animal você viu primeiro na imagem? Sua mente engana você para ver as coisas com base em sua personalidade e o que você vê revela muito sobre quem você é."



REVISTA PAZES

O primeiro animal que você identificar revelará muito sobre sua personalidade

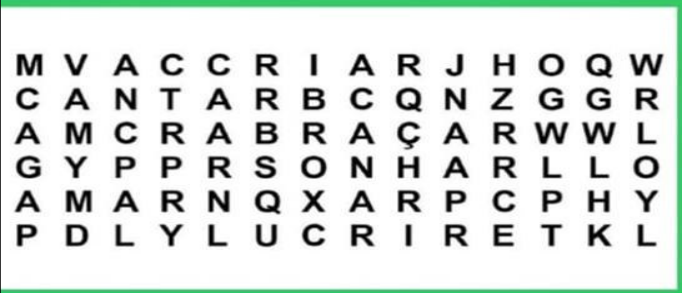
259 79 comentários

Curtir Comentar Compartilhar

Descrição 14

Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra que você encontra nesta gravura pode revelar aspectos importantes de sua vida e de sua personalidade.

Encontre a sua e descubra o seu significado.



A GRANDE ARTE DE SER FELIZ

A primeira palavra que você encontrar revela aspectos importantes sobre você

214 87 comentários • 62 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Descrição 15

A história da personagem "Maria José", uma menina de cinco anos de idade que se diverte aprendendo a escrever o nome, mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.

Leia e assista:



PROSA, VERSO E ARTE

Vida Maria, um curta-metragem que todos os alunos devem assistir - Revista Prosa...

Descrição 16

O motivo que leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos, ao saberem de assassinato de algum colega de profissão, é a moleza das leis contra os bandidos !

"Quem, num mundo cheio de perversos, pretende seguir - em tudo - os ditames da bondade, caminha inevitavelmente para a própria perdição." (MAQUIAVEL, Nicolau)



2 comentários



Curtir



Comentar



Compartilhar

2 O TEXTO COMO MANIFESTAÇÃO DA LÍNGUA(GEM) E DE INTERAÇÃO SOCIOCOMUNICATIVA

Neste Capítulo, discutimos sobre o texto e a sua relação com o processo de interação sociocomunicativa. Antes, porém, apresentamos alguns pontos importantes da evolução da Linguística Textual, especialmente, até o momento em que ocorre a fase mais recente, de base sociocognitivo-interacional. Apresentamos, também, o hipertexto digital como um texto multidimensional que permite ao leitor o acesso a vários outros textos, a partir de escolhas locais, o que possibilita o processo de interação entre os usuários do ciberespaço.

2.1 Linguística Textual: Origem e Evolução

A Linguística Textual como novo ramo da Linguística começou a desenvolver-se na Europa, especialmente na Alemanha, na década de 1960. Contudo sua origem remonta ao filósofo Platão. Segundo Adam (2017, p.26),

[...] no seu diálogo *Sofista*, no qual o Estrangeiro explica a Teeteto que nomes pronunciados isoladamente, um após os outros, como “leão veado cavalo”, e verbos enunciados separadamente dos nomes, como “anda corre dorme”, são incapazes de produzir algum *logos* (que aqui pode ser traduzido tanto por *texto* quanto por *discurso*).

A origem do termo Linguística Textual, segundo Adam (2017), pode ser encontrada em Cosériu que, em meados dos anos de 1950,

[...] ao lançar as bases disso que chama “Linguística del hablar”, [...] assinala que a linguística das línguas é uma “linguística da atividade de falar *no nível histórico*, existindo já a partir daí “ *uma certa linguística do texto*, quer dizer, uma linguística da atividade de falar em um *nível particular* (que é estudado pelo ‘discurso’ e pelo ‘saber’ que ele requer). Isso que se chama de ‘estilística da fala’ é precisamente uma linguística do texto”. (ADAM, 2017, p.24-25)

Vale observarmos que a Linguística Textual hoje é diferente daquela que surgia na década de 60. Houve, portanto, uma gradual evolução epistemológica até chegar ao estágio atual que, embora de forma breve e em seus pontos evolutivos principais, aqui apresentamos.

A primeira fase, a da **análise transfrástica**, realiza o estudo das frases ou dos enunciados, baseando-se na correferenciação, em que são analisadas as

remissões, como catafóricas e anafóricas, para a mesma entidade na sequência das frases, com o intuito de compreender a composição dos significados nas relações entre os enunciados. Como explica Bentes (2012, p.263),

Na *análise transfrástica*, parte-se da frase para o texto. Exatamente por estarem preocupados com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos, de forma que construa uma unidade de sentido, os estudiosos perceberam a existência de fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas: o fenômeno da correferenciação, por exemplo, ultrapassa a fronteira da frase e só pode ser melhor compreendido no interior do texto (...). Faz-se necessário observar que neste primeiro momento da Linguística Textual, um dos principais conceitos de texto era o de Harweg (1968), afirmando que um texto era “uma sequência pronominal ininterrupta” e que uma de suas principais características era o fenômeno do múltiplo referenciamento. Um outro conceito de texto importante era o de Isenberg (1970): um texto era definido como uma “sequência coerente de enunciados”).

Fávero e Koch (2015) deixam claro que, mesmo apresentando algumas lacunas, devido à restrição de seu campo de análise, nesse primeiro momento,

[...] deu-se um passo à frente, ao se superarem os limites da frase, e que se preparou, de certa forma, o terreno para uma gramática textual, não se pode dizer, porém, que se tenha chegado a um tratamento autônomo do texto, nem que se tenha construído um modelo teórico capaz de garantir um tratamento homogêneo dos fenômenos pesquisados (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 14).

A **análise transfrástica** prepara, de certa forma, o terreno para a nova fase da Linguística Textual – a fase das **gramáticas de texto**, que surgiu a partir do entendimento dos linguistas de que os estudos feitos em textos são mais amplos do que os feitos em frases. Por isso, neste momento, eles agregaram teorias do gerativismo, considerando em suas proposições teóricas as habilidades que os falantes da língua possuem para produzir textos e para distinguir textos coerentes e incoerentes.

Nesse sentido, podemos concluir que

A gramática textual surgiu com a finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática enunciado. O que legitima é, pois, a descontinuidade existente entre enunciado e texto, já que há entre ambos uma diferença de ordem qualitativa (e não meramente quantitativa).

Sendo o texto muito mais que uma simples sequência de enunciados, a sua compreensão e a sua produção derivam de uma competência específica do falante – a competência textual – que se distingue da competência frasal ou linguística em sentido estrito [como a descreve, por exemplo Chomsky (1965)]. Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados, e esta competência é, também, especificamente linguística – em sentido amplo. Qualquer falante é capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de perceber se está

completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou, ainda, de produzir um texto a partir de um título dado. São estas habilidades do usuário da língua que justificam a construção de uma gramática textual, cujas tarefas básicas são:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus *princípios de constituição*, os fatores responsáveis pela sua *coerência*, as condições em que se manifesta a textualidade [...];
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a *completude* é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciar as várias espécies de textos (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 14-15).

Partindo de todos esses aspectos, Koch (2017), com foco nas habilidades dos usuários da língua como justificativa para o surgimento das **gramáticas de texto**, acrescenta:

Abandona-se, assim, o método ascendente – da frase para o texto. E, a partir da unidade hierarquicamente mais alta – texto –, pretende-se chegar, por meio de segmentação, às unidades menores, para, então, classificá-las. Contudo, tem-se claro que a segmentação e a classificação só poderão ser realizadas, desde que não se perca a função textual dos elementos individuais, tendo em vista que o texto não pode ser definido simplesmente como uma sequência de cadeias significativas [...] Dentro desta perspectiva, portanto, o texto, visto como a unidade linguística hierarquicamente mais elevada, constitui uma entidade do sistema linguístico, cujas estruturas possíveis em cada língua devem ser determinadas pelas regras de uma gramática textual (KOCH, 2017, p. 21-22).

Com base nas palavras da autora, podemos afirmar que as gramáticas de texto favoreceram uma visão do texto como um artefato bem formado, uma vez que era possível identificar nele um conjunto de regras de boa formação textual. Assim, era possível encontrar no texto um conjunto de regras formais que possibilitavam a construção de textos adequados.

Já a terceira fase, a **pragmático-discursiva**, ressalta que a comunicação entre as pessoas ocorre da relação com os textos, por essa razão, os estudiosos já não concebiam que o estudo linguístico fosse realizado somente por meio de frases isoladas. Esse foi um passo muito significativo para a Linguística Textual que, a partir daí, distanciou-se cada vez mais das antigas teorias da linguística, buscando trazer um novo caráter epistemológico para o estudo do texto.

Fávero e Koch (2005) destacam algumas teorias de texto bastante relevantes e pontuam que a inserção da pragmática proporcionou diferentes posicionamentos teóricos. Assim, temos:

[...] a *teoria dos atos de fala*, a *lógica das ações* e a *teoria lógico-matemática dos modelos*. Por outro lado, a incorporação da *pragmática* aos estudos linguísticos levou a posicionamentos diversos por parte dos vários

autores. Para uns, como é o caso de Dressler, a pragmática constitui apenas um componente acrescentado *a posteriori* a um modelo preexistente de gramática textual, cabendo-lhe tão-somente dar conta da situação comunicativa na qual o texto é introduzido. Outros postulam um componente pragmático integrado à descrição linguística, como Schmidt, para quem a inserção da pragmática significa a evolução da linguística textual em direção a uma *teoria pragmática do texto*, que tem como ponto de partida o ato de comunicação – com todos os seus pressupostos psicológicos e sociológicos – inserido numa específica situação comunicativa (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 16).

Nesse contexto, é importante observarmos que a língua e o texto passam a ser concebidos de outra maneira, como ressalta Bentes (2012):

As mudanças ocorridas em relação às concepções de língua (não mais vista como sistema virtual, mas como um sistema atual, em uso efetivo em contextos comunicativos), às concepções de texto (não mais visto como um produto, mas como um processo), e em relação aos objetivos a serem alcançados (a análise e explicação da unidade texto em funcionamento em vez da análise e explicação de texto formal, abstrata), fizeram com que se passasse a compreender a Linguística de Texto como uma disciplina essencialmente interdisciplinar, em função das diferentes perspectivas que abrange e dos interesses que a movem (BENTES, 2012, p. 268).

À guisa de síntese, Marcuschi (2012) apresenta a seguinte visão geral sobre a vertente pragmática e sua relação com o texto:

Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto e funções pragmáticas (MARCUSCHI, 2012, p. 33).

Nas conclusões de Marcuschi acerca da Linguística Textual, o texto está totalmente voltado para a comunicação, pois é considerado o contexto no qual o texto é inserido, uma vez que a estrutura textual pode apresentar vários sentidos, por isso é feita a associação com segmentos que não possuem um direcionamento linear, já que, dependendo do ponto de vista que é aplicado, podemos ter significados diferentes.

Na fase mais recente da Linguística Textual, denominada **sociocognitivo-interacional**, a perspectiva para os estudos do texto possui valor histórico-social e está intercambiada com várias ciências. Nessa perspectiva, tanto o texto produzido pelo autor quanto a articulação coesiva de textos são de fundamental importância para as relações que vão se estabelecendo em vários segmentos do texto, logo, o

texto precisa ter um sentido para o receptor da mensagem, estabelecendo um processo de negociação entre o texto e os coenunciadores.

Essa nova perspectiva da Linguística Textual trouxe em sucessão as viradas pragmática e cognitivista, trazendo um outro encaminhamento aos estudos do texto e rompendo com o cognitivismo clássico, cujo trabalho estava voltado a uma diferenciação/dicotomização bem marcada e estanque entre os processos cognitivos que ocorrem no interior da mente do indivíduo, e os processos exteriores. Em outras palavras, o que importava para o cognitivismo é a explicação de como os indivíduos podem acionar os conhecimentos estruturados em sua mente para solucionar problemas oriundos do ambiente. Nesse aspecto, o ambiente seria apenas uma fonte de informações para a mente do indivíduo, algo para ser analisado internamente (KOCH, 2017).

Essa dicotomização mente/cognição não se sustenta teórica e epistemologicamente. Os estudos mais recentes em torno do texto demonstram que, ao invés de se postular por uma dicotomização entre mente/cognição, devemos entender que os fatores externos à mente têm influência sobre os aspectos cognitivos. Por essa razão, pleitearmos por uma aproximação entre esses dois lados parece ser um caminho mais adequado dentro da Linguística Textual, como propõe Koch (2017):

Uma visão que incorpore aspectos sociais, culturais e interacionais, a compreensão do processamento cognitivo baseia-se no fato de que existem muitos processos cognitivos que acontecem na sociedade, e não exclusivamente nos indivíduos. Essa visão, efetivamente, tem-se mostrado necessária para explicar tanto fenômenos cognitivos quanto culturais (KOCH, 2017, p. 41).

A autora reitera essa visão, propugnando acerca da não separação entre mente e ambiente social e da complexidade da relação entre uma e outra, deixando claro que

As abordagens interacionais consideram a linguagem uma ação compartilhada que percorre um duplo percurso na relação sujeito/realidade e exerce dupla função em relação ao desenvolvimento cognitivo: intercognitivo (sujeito/mundo) e intracognitivo (linguagem e outros processos cognitivos). Cognição, aqui, define-se como um conjunto de várias formas de conhecimento, não totalizado por linguagem, mas de sua responsabilidade: os processos cognitivos, dependentes, como linguagem, da significação, não são tomados como comportamentos previsíveis ou aprioristicamente concebidos, à margem das rotinas significativas da sociedade. O tipo de relação que se estabelece entre linguagem e cognição é estreito, interno, de mútua constitutividade, na medida em que supõe que não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora

da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos. A linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural [...] (KOCH, 2017, p. 43).

Assim sendo, no interior dessa concepção, a noção de contexto, algo fundamental para a Linguística Textual, é mais uma vez expandida. Se antes, ainda no âmbito das análises transfrásticas, o contexto era confundido com o cotexto, na perspectiva sociocognitivo-interacional, ele (o contexto) participa da construção da própria interação e dos sujeitos nele envolvidos. Isso significa dizer que o contexto é construído em boa parte na própria atividade de interação (KOCH, 2017).

Ressaltamos que na base das práticas de linguagem está a interação e o “compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente”. (KOCH, 2009, p. 31).

Na continuidade deste Capítulo, no item 2.2, tratamos de forma mais específica de concepções de texto, destacando o texto e a sua relação com o processo de interação sociocognitiva.

2.2 O Texto no Processo de Interação e Construção de Sentido(s)

O texto é entendido como “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” (COSTA VAL, 1994, p.3). Isto porque a interação entre as pessoas se realiza por meio de textos. A produção do texto revela a unidade sociocomunicativa do texto produzido, o qual precisa ter um sentido, um significado para o receptor da mensagem.

Além disso, para o texto ser compreendido pelo interlocutor, ele precisa ser analisado em relação a três pontos específicos: “O pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; o formal, que diz respeito à sua coesão” (COSTA VAL, 1994, p. 4-5). Por isso, os três aspectos para uma melhor compreensão do texto mostram que, a partir do pragmático, o texto é aplicado como um meio de comunicação e informação entre as pessoas, o semântico-conceitual apresenta o sentido exercido pelo texto em um determinado contexto e o formal são

os critérios a serem seguidos pelas regras gramaticais, cujo objetivo é tornar um texto coeso.

Convém ressaltar que Koch (2009) apresenta várias concepções de texto, cada uma com suas respectivas matrizes teóricas que, mesmo descritas de forma sucinta, nos dão uma visão de que a concepção de texto tem evoluído, de acordo com correntes teóricas que surgem, conforme podemos comprovar a seguir:

Texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (Concepção de base gramatical); Texto como signo complexo (Concepção de base semiótica); Texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (Concepção de base semântica); Texto como ato de fala complexo (Concepção de base pragmática); Texto como discurso “congelado”, como *produto* acabado de uma ação discursiva (Concepção de base discursiva); Texto como meio específico de realização da comunicação verbal (Concepção de base comunicativa); Texto como *processo* que mobiliza operações e processos cognitivos (Concepção de base cognitivista) e Texto como *lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (Concepção de base sociocognitiva-interacional) (KOCH, 2009, p.12).

A partir dos conceitos de texto propostos por Koch (2002, 2009), compreendemos o texto como uma unidade voltada para a comunicação realizada entre as pessoas, envolvendo o uso real da língua e a associação existente na interação sociocognitiva.

Assim, ao abordarmos a função coesiva dos pronomes relativos, neste trabalho, é fundamental enfatizar que o texto veiculado no Facebook possibilita a interação que se realiza entre os usuários dessa rede social. Nesse sentido, dos conceitos de texto apresentados pela autora, apropriamo-nos do que apresenta o texto como lugar de interação, conceito de base sociocognitivo-interacional, uma vez que, como afirma Koch (2009, p.32), “não há possibilidades integrais de pensamentos ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos”. Isto porque os interlocutores “se engajam no processo de produção e leitura de textos carregados de objetivos e expectativas que determinam o tipo e a estrutura conceitual e formal do texto a ser escrito e o tipo de leitura a ser produzido” (KOCH, 2009, p. 40).

Convém ressaltar o texto, para que possa estabelecer a interação entre os interlocutores, deve ter um sentido, um significado. Esse sentido depende da compreensão, não somente do contexto sociocultural (aquilo que circunda a situação comunicativa ou o tempo em que o texto foi/é produzido), mas também dos fatores linguísticos (significado das palavras, organização sintática, por exemplo),

isto é, da coerência e da coesão textuais que, como princípios de textualidade, são responsáveis pela continuidade semântica das informações que vão se estabelecendo no desenvolvimento do texto. Os sentidos do texto vão sendo construídos por elementos linguísticos expressos na tessitura textual, os quais estabelecem e sinalizam os laços que ligam os vários segmentos do texto e, no caso dos textos no espaço digital, dão forma à materialidade dos hipertextos.

Podemos, assim, afirmar que, para a construção de um texto, não devemos “usar impunemente qualquer palavra em qualquer lugar da frase ou do texto. Nem que seja uma palavra pequenininha, como uma preposição, um artigo, por exemplo. Todas as palavras têm um peso para o texto” (ANTUNES, 2005, p. 181).

Fávero e Koch (2005), analisando textos acadêmicos, jornalísticos, livros didáticos, revistas de divulgação científica, além de dicionários e enciclopédias, afirmam que, nesses textos, o leitor se depara com gráficos, tabelas, fotos, ilustrações aos quais o texto de fundo remete. O leitor, muitas vezes, realiza a leitura desses elementos, para melhor compreender o texto.

Partindo da premissa referente aos estudos da Linguística Textual, essa área de conhecimento vem sendo estudada por vários teóricos, por isso é essencial apresentar os conceitos relacionados à textualidade em diversas vertentes, porque é uma peça fundamental para a aplicabilidade textual se manifestar.

Fávero e Koch (2002) relatam que a textualidade é uma propriedade que faz com que um texto seja um texto. Assim,

Os textos empíricos individuais podem ser considerados como realizações verbais (“textualizações”) de sua textualidade. Estas noções permitem adotar a posição de que as mídias da textualização podem adquirir formas variadas, de tal modo que não só os textos verbais, mas também os pictóricos, arquitetônicos, fílmicos ou quaisquer outros podem ser concebidos como “textos”, isto é, como manifestação de uma textualidade. (FÁVERO; KOCH, 2002, p. 20)

Concordamos com as autoras, no sentido de não considerarmos apenas um tipo específico de texto, porque existem variadas formas de textos, ou seja, desde os textos verbais, multimodais, dentre outras infinitas classificações que adquirem esta denominação. Outro ponto importante em relação ao texto é a sua sequência linear, isto é, o texto traz uma estrutura sequencial no decorrer do seu desenvolvimento.

Fávero e Koch (2002) explicam que:

É lícito concluir, portanto, que o termo texto pode ser tomado em duas acepções: texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo interlocutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido estrito). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. (FÁVERO; KOCH, 2002, p. 25)

Portanto, o texto é uma consequência dos eventos discursivos, como ele faz referência na citação. Nesta seara, é importante ressaltar que, como existe esta interação entre os interlocutores, podemos fazer referência à interação sociocognitiva, considerando a emissão das mensagens por meio dos textos. Isto porque o texto está envolvido nas nossas atividades de comunicação, por meio da linguagem, concebida como uma ação compartilhada, exercendo “função intercognitiva (sujeito/mundo) e intracognitiva (linguagem e outros processos), em relação ao desenvolvimento cognitivo” (KOCH, 2009, p.32).

Ainda em relação ao texto, consideramos necessário trazer a visão de Marcuschi (2012) sobre dois aspectos fundamentais para conceituarmos o texto:

- (a) partindo de critérios internos ao texto (olhando-o do ponto de vista imanente ao sistema linguístico) e
- (b) partindo de critérios temáticos ou transcendentais ao sistema (considerando o texto como uma unidade de uso ou unidade comunicativa). (MARCUSCHI, 2012, p. 22)

Em relação ao ponto de vista imanente ao sistema linguístico, Marcuschi (2012) considera que o

texto foi definido, de uma maneira geral, como ‘uma sequência coerente de sentenças’. Nesta definição teríamos três termos técnicos a serem especificados: (a) ‘sequência’, (b) ‘sentença’ e (c) ‘coerência’. *Sequência* é uma expressão que aponta para a necessidade de haver um conjunto linear, mas é problemática se indicar uma condição necessária, pois há textos que se compõem de uma só sentença, ou mesmo de uma só palavra, por ex.: “Fogo!”, quando dito numa situação específica e permanecendo a única expressão na ocorrência. O termo *sentença*, sobejamente discutido em todas as gramáticas de frase, é deixado de lado pelos linguistas de texto que têm dele uma noção intuitiva e tácita (...). Com a coerência, entra-se no aspecto da natureza fundamental da sequência e da relação entre as sentenças (MARCUSCHI, 2012, p.22).

Dessa forma, para Marcuschi (2012), o texto em sua definição está ligado com as concepções de sequência, o qual é um termo que precisa do encadeamento no texto, mas caso o texto possua apenas uma sentença ou um léxico, é impossível existir a sequência textual. Também possui relação com a sentença, pois é um termo que precisa dos requisitos morfológicos para ser compreendido. E por fim, a coerência que exerce o sentido lógico no texto, proporcionando um encadeamento de ideias na estrutura textual.

O segundo item para conceituar o texto faz referência à comunicação, pois a partir dos textos podem surgir a interação entre as pessoas. O autor enfatiza o discurso desenvolvido pelos falantes da língua, fazendo uma associação com a pragmática, a qual realiza os estudos referentes ao uso da língua.

Nas considerações a respeito de texto, Marcuschi (2012) mostra que:

As definições de texto que se propõem critérios mais amplos que os puramente linguísticos, tomam-no como uma *unidade comunicativa* e não como uma simples unidade linguística. Se no caso das definições anteriores tínhamos a ver com textos definidos *emicamente*, na terminologia de Harweg, aqui temos definições *éticas* de textos, ou seja, que consideram o arranjo de sentenças em seu funcionamento mais amplo no processo de comunicação e não apenas no âmbito da estrutura linguística [...] (MARCUSCHI, 2012, p. 26).

Entendemos, a partir das considerações do autor, a importância do texto no processo de interação comunicativa, pois existe uma convergência na relação de texto e a prática verbal, em vista do desenvolvimento de novos mecanismos textuais para serem aplicados como uma ferramenta de manifestação da língua/linguagem. Assim, podemos dizer que há texto quando houver na escrita coesão, coerência, informatividade e intertextualidade, aspectos que levamos em conta em nossas abordagens sobre concepções textuais com foco na interação.

Logo, ao tomarmos o texto no processo de interação, podemos considerar os aspectos ou fatores relevantes para serem definidos nesta perspectiva textual. De acordo com Beaugrande e Dressler (1983), os fatores são: a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Esses critérios de textualidade estão sendo denominados, atualmente, de Princípios de Construção Textual do Sentido (MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2009). Vamos tomar esses fatores, na visão de Costa Val (1994), conforme descrição a seguir:

A intencionalidade concerne ao empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa. A meta pode ser informar, ou impressionar, ou alarmar, ou convencer, ou pedir, ou ofender, etc., e é ela que vai orientar a confecção do texto.

O outro lado da moeda é a aceitabilidade, que concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

O terceiro fator de textualidade, segundo Beaugrande e Dressler (1983), é a situacionalidade, que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. É a adequação do texto à situação sociocomunicativa.

O interesse do receptor do texto vai depender do grau de informatividade de que o último é portador. Esse é mais um fator de textualidade apontado por Beaugrande e Dressler (1983) e diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal. Ocorre que um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção, embora mais trabalhosa, resulta mais interessante, mais envolvente.

Beaugrande e Dressler (1983) falam ainda de um outro componente de textualidade: a intertextualidade, que concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto dependente do conhecimento de outro(s) texto(s). De fato, “um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual ele toma posição”. Inúmeros textos só fazem sentido quando entendidos em relação a outros textos, que funcionam como seu contexto (COSTA VAL, 1994, p.10-15).

Ao avaliarmos os cinco fatores pragmáticos que contribuem para a existência da concretização textual, observamos que podemos conciliá-los com a concepção de texto adotada neste trabalho, que é a abordagem de base sociocognitiva interacional. Isto porque,

Na abordagem interacional de base sociocognitiva, o texto é uma realização que envolve sujeitos, seus objetivos e conhecimentos com propósito interacional. Considerando que esses sujeitos são situados sócio-histórica e culturalmente e que os conhecimentos que mobilizam são muitos e variados, é fácil supor que o texto “esconde” muito mais do que revela a sua materialidade linguística (KOCH; ELIAS, 2016, p.32).

Como bem coloca a autora, a materialidade do texto, de fato, não revela tudo que o texto contém. Daí afirmarmos que a perspectiva interacional do texto se liga a outra, a dialógica que implica, metodologicamente, segundo Brait (2016), três aspectos que são constitutivamente conectados entre si:

(a) o da *materialidade* – sem o qual a vida do texto estaria impossibilitada e que, necessariamente, advém de linguagens socialmente organizadas e reconhecidas, caso do sistema linguístico, por exemplo, mas não exclusivamente dele;

(b) o da *singularidade* – que define o texto como único, configurado por seu inexorável pertencimento a uma situação, a um contexto, a uma cadeia histórico-discursiva, fator que delinea sua natureza enquanto forma viva e responsiva;

(c) o da condição advinda dessa *combinatória* – que possibilita o estabelecimento de *relações dialógicas* com outros textos, no sentido de propiciar, provocar e convocar diálogos, abrindo espaços para respostas, para novos textos, para circulação e produção de discursos sociais, culturais, históricos (BRAIT, 2016, p. 14).

Todos esses aspectos, mas sobretudo o terceiro, o das relações dialógicas propriamente ditas, coadunam-se com nossa pesquisa, que está voltada à investigação do fenômeno da coesão textual no âmbito dos hipertextos digitais, cuja natureza é a de uma cadeia de textos interconectados por meio de *links*, de *nós* e de *âncoras*. Todos esses aspectos, mas sobretudo o terceiro, o das relações dialógicas propriamente ditas, coadunam-se com nossa pesquisa, que está voltada à investigação do fenômeno da coesão textual no âmbito dos hipertextos digitais, cuja natureza é a de uma cadeia de textos interconectados por meio de *links*, de *nós* e de *âncoras*. Essas relações dialógicas são estabelecidas no momento em que os hipertextos se ligam por meio dos elos semânticos estabelecidos entre os enunciados e entre os textos interconectados, dando sentido aos textos elaborados pelos interagentes. Podemos assim dizer que essas relações dialógicas podem ser consideradas as interações no processamento textual, conforme afirma Koch (2015, p.61), uma vez que “as estratégias interacionais [...] visam a fazer com que os jogos de linguagem transcorram sem problemas, evitando o fracasso da interação” (KOCH, 2015, p.61).

Isso posto, e voltando-nos à questão texto/interação, podemos perceber uma ligação direta com o que Koch e Elias (2016) entendem como “princípio de conectividade”, ou seja, que,

Independentemente de sua extensão ou suporte, cada texto se conecta a conhecimentos diversos (de língua, de textos, de interação, do mundo), razão pela qual os princípios de textualidade (coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade) são compreendidos [...] como as *mais importantes formas de conectividade*, que possibilitam múltiplas conexões não só dentro de um texto, mas também entre o texto e os contextos humanos nos quais ele ocorre, determinando que conexões são relevantes (KOCH ;ELIAS, 2016, p. 34).

Compreendemos que nesses estudos de texto, a conectividade é retratada como um exercício essencial para estabelecer a comunicação entre os interagentes, porque a linguagem é um fenômeno com várias dimensões para inferir as diversas facetas produzidas pelo conhecimento linguístico dos interagentes.

Nesse aspecto, ainda relacionado às conexões dos textos, Antunes (2005) afirma:

[...] Ninguém fala ou escreve por meio de palavras ou de frases justapostas aleatoriamente, desconectadas, soltas sem unidades. O que vale dizer: só nos comunicamos através de textos. Sejam eles orais ou escritos. Sejam eles grandes, médios ou pequenos. Tenham muitas, poucas, ou uma palavra apenas. Assim, a competência comunicativa, aquela que nos distingue como seres verbalmente atuantes, inclui necessariamente a competência para formular e entender textos, orais e escritos (ANTUNES, 2005, p. 30).

Por isso, é importante compreender o teor do texto, porque é com base nele que iremos desenvolver a competência comunicativa entre os interagentes, pois o sentido existente no texto foi absorvido no momento da recepção da comunicação textual.

Do ponto de vista comunicativo do texto, Antunes (2009) considera

(...) as unidades do léxico, não como unidades da língua, ou unidades do dicionário, um repertório em estoque; mas como unidades de texto, peças com que se constrói a materialidade significante posta em sua superfície. São, portanto, unidades lexicais co-textualizadas, constitutivas de uma unidade de significado, para fins de um propósito comunicativo qualquer. Nessa perspectiva, não me interessa apenas a carga de sentido que as unidades do léxico têm. Interessa-me, e, sobretudo, a função que essas unidades desempenham na organização – coesa e coerente – do texto. Essa função vai além do sentido (ANTUNES, 2009, p. 144).

Conforme as considerações de Antunes (2009), o texto não é apenas uma unidade linguística, ou dicionarizada, o texto vai muito além desses conceitos, isto é, ele é um “evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE *apud* MARCUSCHI, 2008, p.72). Assim, produzir um texto como um evento comunicativo significa articular os aspectos linguísticos (o ato de fala verbalmente produzido), aspectos sociais (a situação sociohistórica da realidade) e aspectos cognitivos (conhecimentos investidos).

De um modo geral, os textos se articulam nesses três aspectos. Esse fato nos leva a afirmar que, tanto na produção quanto na recepção do texto, o autor e o leitor estão em processo de interação. Assim, a produção e recepção de um texto envolve um processo de produção de sentido que requer elementos constitutivos da textualidade. Dentre esses elementos, podemos citar a coesão e a coerência, fatores de textualidade de grande relevância para a construção textual.

Nessa perspectiva, entendemos que a coesão e a coerência são fatores importantes na construção de um texto com sentido, para o estabelecimento da comunicação, por isso pontuamos que esses mecanismos são interdependentes na seara textual, ou seja, eles estão interligados na formação dos textos. Ressaltamos, no entanto, que neste trabalho a ênfase está sendo dada à coesão textual como a “propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (ANTUNES, 2005, p. 47). , a partir de elementos linguísticos, articulados entre si, seja por meio de substituição de um termo por outro, seja por meio do uso de palavras semanticamente próximas e de conectivos diversos (conjunções, pronomes, advérbios, por exemplo).

Antunes (2009) afirma que as unidades lexicais também têm a função de estabelecer a continuidade e a unidade de sentido do texto, pois “[...] a articulação (a coesão) que promove a unidade semântica do texto (a coerência) é conseguida também com os recursos das unidades lexicais presentes na sua superfície” (ANTUNES, 2009, p.144-145).

Tomemos como exemplo o texto “Circuito Fechado”, de Ricardo Ramos (2019):

*Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme **de** barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme **para** cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço. Relógio, maço de cigarros, caixa **de** fósforos, jornal. Mesa, cadeiras, xícara **e** pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa **e** poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo **com** lápis, canetas, blocos **de** notas, espátula, pastas, caixas **de** entrada, **de** saída, vaso **com** plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro **e** fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços **de** anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos **de** filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia. Água. Táxi, mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço **de** cigarros, caixa **de** fósforos. Escova **de** dentes, pasta, água. Mesa **e** poltrona, papéis, telefone, revista, copo **de** papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova **de** anúncio, caneta **e** papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel **e** caneta, telefone, caneta **e** papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel **e** caneta. Carro. Maço **de** cigarros, caixa **de** fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro **e** fósforo. Poltrona, livro. Cigarro **e** fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro **e** fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.”*

Podemos verificar que, no texto “Circuito Fechado”, a coesão é estabelecida por meio das unidades lexicais que foram empregadas pelo autor para descrever o cotidiano de um profissional. Por meio da sequência de substantivos que formam a tessitura do texto, ele cria um efeito de sentido e sugere uma série de ações que envolve o personagem.

Feitas estas considerações, reafirmamos que o destaque nesta pesquisa é para coesão textual, pelo encadeamento das ideias e das funções exercidas pelos pronomes relativos no estabelecimento dos sentidos do texto. Por meio da coesão textual, procuramos desvelar a “estruturação da sequência [superficial] do texto” (MARCUSCHI, 2008, p.99), tendo nos pronomes relativos os elementos linguísticos de coesão textual, nos hipertextos digitais.

Assim, em continuidade ao Capítulo 2, no item 2.3, tratamos do hipertexto como um texto sujeito às mesmas regras de textualidade defendidas pela Linguística Textual.

2.3 O Hipertexto Digital como um Evento Sociocomunicativo

Partindo da hipótese de que os recursos coesivos também se manifestam nos hipertextos digitais, procuramos analisar os elementos linguísticos que funcionam como recursos de coesão textual nos hipertextos da Rede Social *Facebook*. Consideramos a concepção de texto como *lugar de interação, um evento comunicativo, cujo sentido é situado*, uma vez que essa Rede tem como objetivo possibilitar a interação entre os usuários da Rede, por meio de determinado assunto, postagens de vídeos, textos, propagandas de produtos, dentre outros recursos de uso da linguagem que constituem o hipertexto digital.

A hipertextualidade, conforme já afirmamos, está presente em várias ações na nossa vida. Fazendo uma analogia com nossas atividades no dia a dia, podemos perceber que realizamos várias funções ao mesmo tempo, ou seja, fazemos conexões com várias tarefas desempenhadas, como por exemplo, usar o computador para digitar trabalhos, escutar músicas, acessar a internet, realizando várias tarefas simultâneas.

Lévy (1993) afirma que o hipertexto é considerado

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficas ou partes de gráficos, sequências sonoras,

documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p.33)

Nesse sentido, apropriamo-nos do conceito de hipertexto apresentado por Lévy (1993), pois o filósofo apresenta nos próprios argumentos que existe a conexão entre imagens, vídeos, palavras, textos, nestes conjuntos de nós interligados, possibilitando, assim, a comunicação entre os interagentes no ambiente virtual, mais especificamente na Rede Social *Facebook*. Convém ressaltar que a Linguística Textual também traz a concepção de hipertexto, contudo não será adotada neste trabalho, embora consideremos importante para os estudos linguísticos.

A Linguística Textual considera que todo texto apresenta sentidos múltiplos e que é plurilinear em sua construção. Nesse sentido, do ponto de vista da recepção, “todo texto é um hipertexto” (KOCH, 2015, p.72). Tomando como exemplo esta dissertação, podemos ver que ela está povoada de referências, citações, notas de rodapé, as quais funcionam como *links*. Os leitores, inclusive os componentes da Banca Examinadora, podem ler essa dissertação de forma contínua, consultar apenas as referências, citações, notas de rodapé que mais lhes interessam ou mesmo não ler nenhuma; podem também interromper a leitura a cada chamada *link* e integrar o conteúdo apresentado no *link* à leitura que está fazendo. Assim, o leitor,

Ao encontrar uma referência, quer no texto, quer em nota, poderá inclusive suspender a leitura para consultar a obra ali referendada. Nesta nova obra, por sua vez, poderá encontrar outras referências, que o levem a outros textos, e assim por diante. A diferença com relação ao hipertexto eletrônico está apenas no suporte e na forma e rapidez do acesso (KOCH, 2015, p.73).

Dessa forma, podemos afirmar que a visão de Lévy (1993) a respeito de hipertexto está voltada para a área tecnológica. Na perspectiva da Linguística Textual, existe uma associação entre os textos impressos e os hipertextos digitais, conforme destacamos em Koch (2015, p.79):

O hipertexto tem sido apontado como algo radicalmente inovador, como um novo paradigma de produção textual. Contudo, como bem mostra Marcuschi (1999, p.11), a novidade propriamente dita está na tecnologia, que lhe permite integrar, de modo eficaz, elementos que, no texto impresso, se apresentam sob a forma de notas, citações bibliográficas, referências, imagens, fotos etc., linearizando o deslinearizado e deslinearizando o

linearizado, ou seja, subvertendo os movimentos e redefinindo as funções dos constituintes textuais clássicos.

Nesse sentido, a tecnologia está contribuindo para novos conceitos de textos e a ampliação das práticas de escrita e/ou produções textuais clássicas, colocando para a Linguística em geral e para a Linguística Textual, em particular, como os leitores lidam com textos múltiplos, considerando que a Linguística até agora tem se ocupado de textos singulares, conforme Koch (2015). No caso dos hipertextos digitais, “o computador não é apenas uma ferramenta a mais para a produção de textos, sons e imagens, é, antes de mais nada, um operador de virtualização da informação” (LÉVY, 1999, p.55). Ele dá condições para existir a interação entre as pessoas de forma virtual.

Lévy afirma que o hipertexto está organizado em rede, tornando-se oposto ao texto linear. Podemos notar a multilinearidade como característica do hipertexto, pois fazemos várias associações de assuntos no momento em que estamos acessando os links dos textos. Lévy (1999), portanto, hibridiza a forma de leitura e escrita, como se observa na afirmação:

Se definirmos um hipertexto como um espaço de percurso para leituras possíveis, um texto aparece como uma leitura particular de um hipertexto. O navegador participa, portanto, da redação do texto que lê. Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse uma matriz de textos potenciais, o papel dos navegantes sendo o de realizar alguns desses textos colocando em jogo, cada qual à sua maneira, a combinatória entre os nós. O hipertexto opera a virtualização do texto. (LÉVY, 1999, p.57).

Como o hipertexto possui uma linguagem múltipla, é identificável a presença das modalidades sonoras, visuais e verbais em sua estrutura, por isso a multimídia é recorrente na atmosfera dos hipertextos, pelo fato de encontrarmos vídeos, ícones, textos, animações presentes nas mensagens. A hipertextualidade são referências feitas a outros textos.

O hipertexto também possui uma universalidade de sentidos, isto é, em sua estrutura, circulam diversos modelos de mensagens, o que possibilita caracterizá-lo a partir de seis princípios. Lévy (1993) define da seguinte forma os seis princípios:

Princípio de metamorfose: a rede hipertextual está em constante construção e renegociação; Princípio da heterogeneidade: os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos; Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: o hipertexto se organiza em um modo “fractal”; Princípio da exterioridade: a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno; Princípio da topologia: nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança; Princípio

de mobilidade dos centros: a rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros [...]. (LÉVY, 1993, p.25-26)

Desta forma, podemos dizer que o princípio de metamorfose é decorrente das várias interligações que são feitas pelos conteúdos dos hipertextos; princípio da heterogeneidade é devido aos vários caminhos que são direcionados entre os hipertextos; princípio da multiplicidade são feitos links com outros hipertextos, gerando assim várias conexões; princípio da exterioridade é neste momento que são feitas conexões com vários tipos de redes, adição de diversos elementos, busca fontes com outras imagens, palavras; princípio da topologia: as mensagens que utilizam os hipertextos estão livres para se interligarem no momento do seu deslocamento e princípio de mobilidade dos centros: como os hipertextos são organizados por vários nós, são feitos saltos entre estes nós, gerando diversos imagens com outros sentidos.

Verificamos assim que o hipertexto apresenta funcionamento interno e externo. Como é uma estrutura que faz parte de um sistema ligado a uma rede de computadores com localização na internet, é primordial mostrar como se organizam os processos internos que desenvolvem o formato estrutural do hipertexto até serem geradas as mensagens visuais para os usuários da rede compreenderem.

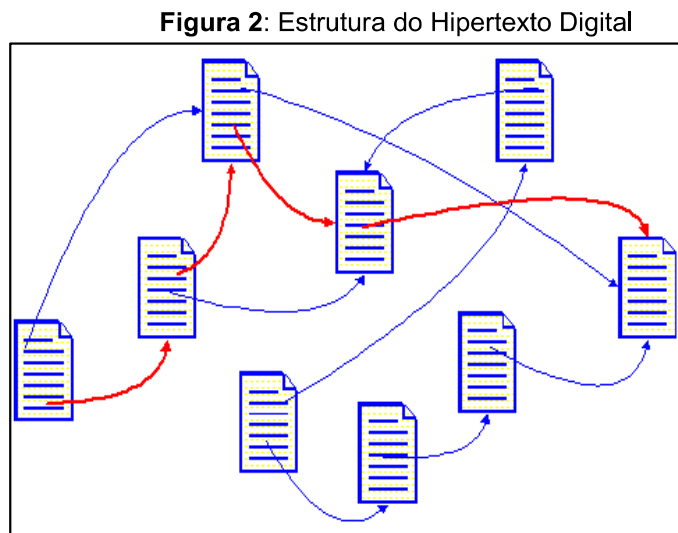
Entendemos que o hipertexto, de acordo com as considerações de Lévy (1999), possui duas vertentes que devem ser compreendidas: primeiramente a estrutura técnica, a qual apresenta o conceito, as características e os dados que contribuem para a formação do hipertexto; a outra vertente diz respeito a que se destina esta estrutura, ou seja, para qual finalidade ela pode ser implementada. Em seus estudos a respeito de hipertextualidade, Lévy (1999) considera outras características:

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma (LÉVY, 1999, p. 41).

Dentre as características do hipertexto, inferimos que o dinamismo é um fator relevante por causa das várias interfaces no seu formato, ou seja, ele proporciona o acesso a diversas áreas com dados variados. Devido a esta

funcionalidade é que se identifica uma movimentação nas conexões que são realizadas ao ser interligar as informações presentes na estrutura hipertextual.

A figura a seguir demonstra a estrutura do hipertexto digital.



Fonte: <http://web.fe.up.pt/~ssn/disciplinas/cdi/www/4.html>

A figura 2 representa o funcionamento do hipertexto digital: nove hipertextos interligados por um canal de comunicação e não seguindo uma linearidade. Ao acessar, por exemplo, o primeiro hipertexto, o leitor é remetido a outro hipertexto por meio de um *link* que se acopla a outros dados relacionados ao tema pesquisado no primeiro momento.

Pelo exposto, podemos afirmar ser possível analisar os recursos de coesão textual presentes nos hipertextos da Rede Social *Facebook*, tendo como arcabouço teórico os fundamentos da Linguística Textual. Isto porque os sentidos dos textos vão sendo construídos por elementos linguísticos expressos na tessitura que dá forma à materialidade dos hipertextos.

Neste sentido, podemos compreender que o dinamismo dos hipertextos digitais proporciona acesso a várias interfaces dele, tornando-o bastante interativo. Assim, podemos relacionar essas características ao que diz Koch (2018, p.44):

Portanto, na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos

elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

De acordo com as considerações de Koch (2018), o texto é considerado o lugar da interação, porque é nele que são realizadas as operações linguísticas pelos interagentes, ou seja, são estabelecidos os sentidos para a superfície do texto, e como o hipertexto digital é considerado um texto, o qual são encontrados as tessituras textuais, ele proporciona a interatividade presente na abordagem interacionista.

Koch (2018) sustenta que nessa abordagem,

Em consequência do grande interesse pela dimensão sociointeracional da linguagem e por processos afeitos a ela, surge (ou ressurge) uma série de questões pertinentes para a “agenda de estudos da linguagem”, entre as quais as diversas formas de progressão textual (referenciação, progressão referencial, formas de articulação textual, progressão temática, progressão tópica), a dêixis textual, o processamento sociocognitivo do texto, os gêneros, inclusive os da mídia eletrônica, questões ligadas ao hipertexto, a intertextualidade, entre várias outras [...]. (KOCH, 2018, p. 44)

Vemos, assim, que Koch (2018) apresenta a abordagem sociointerativa com uma ampliação em seus estudos, incluindo os gêneros digitais e questões ligadas ao hipertexto. Nesse sentido, apropriamo-nos da concepção de texto de base sociocognitivo-interacional, para analisar os hipertextos digitais, uma vez que eles geram uma grande interatividade pelo fato de possuírem vários tipos de conexões, proporcionando um arcabouço amplo de informações textuais.

3 A COESÃO TEXTUAL: Interpretabilidade e Construção de Sentido(s) do Texto

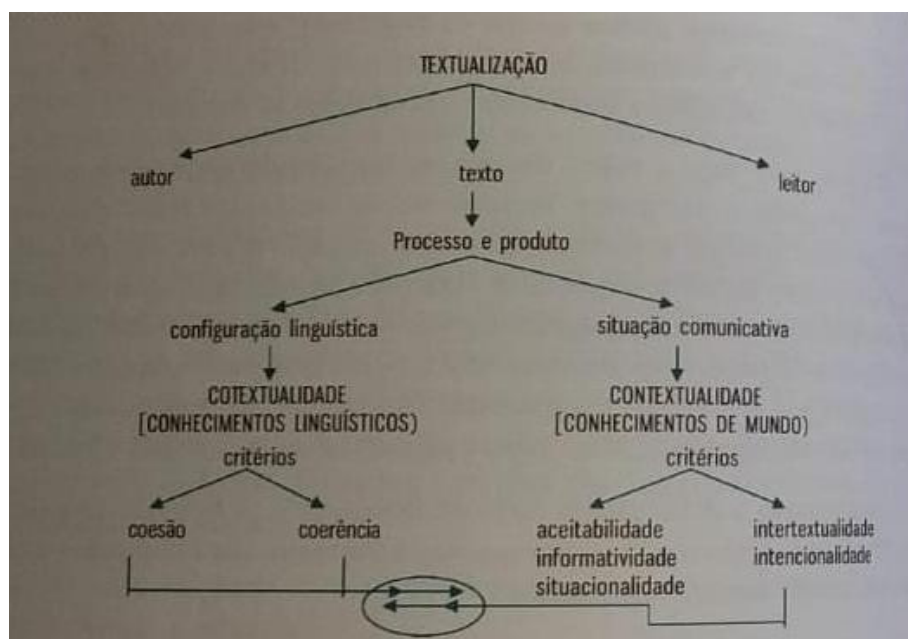
Neste Capítulo, discutimos sobre a coesão textual e as relações semânticas que ela possui no percurso do texto para a construção do sentido que vai se estabelecendo na superfície textual. Além de mostrarmos o conceito de coesão, damos ênfase também aos mecanismos de construção da coesão textual e ao mecanismo de coesão textual por substituição gramatical

3.1 Conceito e Mecanismos de Construção da Coesão Textual

Antes de iniciarmos as considerações a respeito dos conceitos e mecanismos de construção da coesão textual, iremos mostrar que “O estudo da coesão textual tem sido predominantemente desenvolvido dentro do ramo da Linguística a que se denomina Linguística do Texto. Cabe, assim, inicialmente, dizer algumas palavras sobre esta corrente da Linguística Moderna” (KOCH, 2018, p.7).

A proposta da Linguística Textual não é estudar a frase, mas os textos, porque são “os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (KOCH, 2002, p.11). Nesse sentido, o texto, como processo e produto, deve atender a critérios de textualidade. A Figura a seguir dá uma ideia geral desses critérios.

Figura 3: Critérios Gerais da Textualidade



Fonte: Marcuschi, 2008, p.96

No topo da Figura 3, encontram-se os três pilares da textualidade: autor, texto e leitor. O texto, como processo e produto, estabelece a mediação entre o autor e o leitor. Queremos a partir dessa figura destacar a coesão textual, um critério de textualidade que, juntamente com a coerência, estabelece a configuração linguística do texto, ou seja, a cotextualidade.

Para o estudo da coesão textual, Marcuschi (2012) faz a seguinte recomendação:

[...] que se veja a LT, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a LT trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas (MARCUSCHI, 2012, p.33).

A coesão textual é a relação de sentido entre as sentenças textuais para dar um significado aos elementos do texto, ou seja, a coesão textual “diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 2018, p.18).

Ainda apresentando os conceitos referentes à coesão textual, destacamos o conceito de Halliday e Hasan (*apud* KOCH,2018) para quem a coesão textual se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto” (HALLIDAY; HASAN *apud* KOCH,2018, p.15-16).

Essas relações se organizam superficial e linearmente no texto, reconhecível na sua superfície através de recursos semânticos, tais como marcas linguísticas, índices formais e conectivos. Esses elos, que encadeiam o texto e permitem a construção do sentido global, possibilitam a concatenação das partes do texto por meio de marcas fornecidas pelo sistema léxico-gramatical de uma língua. Nesse sentido, algumas formas de coesão são realizadas por meio do léxico; outras, através da gramática, com o emprego das classes gramaticais (pronomes, formas verbais, conjunções, preposições, advérbios etc.).

Nesse seguimento a respeito dos conceitos de coesão textual, encontramos Beaugrande e Dressler (*apud* Koch, 2018, p.16) para quem a coesão textual diz respeito “ao modo como os componentes da superfície textual – isto é, as palavras e frases que compõem um texto – encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical” (BEAUGRANDE; DRESSLER *apud* KOCH, 2018, p.16).

Diante das afirmações feitas, a concepção de coesão deve ser entendida como o mecanismo linguístico responsável pela unidade formal do texto. Nesse sentido, entendemos que

[...] a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear, já que se manifesta na organização sequencial do texto (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p.13).

Podemos depreender da visão de Koch e Travaglia (1995) que a coesão está ligada aos elementos linguísticos que constituem o texto, pois ela aborda as marcas linguísticas que determinam a estrutura dos textos, ou seja, como deve ser a sequência uniforme dos recursos gramaticais, voltados aos aspectos estruturais do texto, aos conectivos nas frases, períodos, orações etc., gerando desta forma uma harmonização no texto.

Como a coesão se manifesta no texto por meio de recursos linguísticos, os quais funcionam como elementos de ligação, podemos afirmar que

[...] Tudo vem em cadeia, *encadeado*, umas partes ligadas às outras, de maneira que nada fica solto e um segmento dá continuidade a outro. O que é dito em um ponto se liga ao que foi dito noutro ponto, anteriormente e subsequentemente. Assim, cada segmento do texto – da palavra ao parágrafo – está preso a pelo menos um outro. Quase sempre, cada um está preso a muitos outros. E é por isso que se vai fazendo um fio, ou melhor, vão-se fazendo fios, ligados entre si, atados, com os quais o texto vai sendo *tecido*, numa unidade possível de ser interpretada (ANTUNES, 2005, p. 46).

Esses elementos coesivos estabelecem as ligações inter-frasais e inter-oracionais, estabelecendo continuidade de sentido aos textos, por meio de três mecanismos básicos: reiteração, associação e conexão (ANTUNES,2005). Esses mecanismos de coesão são realizados através de “operações de repetir, de substituir, de usar palavras semanticamente próximas, de usar uma conjunção ou

um outro tipo qualquer de conectivo. A cada procedimento, portanto, corresponde um ou mais de um recurso” (ANTUNES, 2005, p.60).

Tomemos como exemplo o seguinte texto, extraído de Antunes (2005, p.97):

Saia de bolinhas, colete preto e cabelos presos, Madonna estava mais para a santa Evita que para a demoníaca material girl quando desembarcou em Buenos Aires, no sábado 20. A tática usada pela pop star era para aplacar um pouco os ânimos argentinos, mas não deu muito certo: escalada pelo diretor Alan Parker para viver no cinema o papel de Eva Perón (1919-1952), a estrela americana vem enfrentando a ira dos peronistas. Foi recebida com pichações e bombardeada pela imprensa. Tentando contornar a situação, Madonna foi logo dizendo que estava em missão de paz.

No texto, os recursos linguísticos “Madonna”, “pop star”, “estrela americana” contribuem para o estabelecimento da coesão, tornando o texto mais informativo a respeito da cantora Madonna. Neste caso, a coesão foi estabelecida por meio da reiteração, mais especificamente pela substituição lexical, cuja retomada foi feita por caracterizadores situacionais.

A coesão pela relação de associação é estabelecida pelo sentido entre várias palavras do mesmo campo semântico. Exemplificamos com o seguinte trecho, apresentado por Antunes (2005, p.53):

Há três tipos de células-tronco. As mais comuns são encontradas na medula do ser humano em qualquer idade, mas seu poder de reprodução e especialização é baixo. Outro tipo são as células-tronco existentes no cordão umbilical, mais potentes que as da medula. Mas o tipo mais promissor são as células-tronco dos embriões humanos.
(Veja, 2/03/2005)

No exemplo dado, existem relações de sentido entre as palavras: célula-tronco, medula, cordão umbilical, embrião, ser humano. Por isso, podemos compreender a proximidade de sentido entre as palavras no texto, o que nos leva a afirmar que a coesão foi estabelecida por associação semântica.

Outro mecanismo de coesão é por conexão, estabelecido pelos conectores que proporcionam a relação semântica entre as orações, períodos. Como diz Antunes (2005, p.55),

Os conectores desempenham uma função muito importante, pois indicam a relação semântica que pretendemos estabelecer entre aqueles segmentos: orações períodos, parágrafos. São relações de causalidade, de temporalidade, de oposição, de finalidade, de adição, entre outras, as quais vão indicar a direção argumentativa de nosso texto, além de funcionarem como elos com que se conectam as várias partes de um texto. Muitos problemas de coerência derivam do mau emprego desses conectores.

Nesse sentido, na coesão por conexão, os conectores funcionam como articuladores textuais de conteúdo proposicional (KOCH, 2015), estabelecendo relações lógico-semânticas de condicionalidade, de causalidade, de temporalidade, por exemplo, e direcionam os sentidos do texto.

Diante dessas considerações, podemos afirmar que a

[...] *função da coesão* é exatamente a de promover a *continuidade do texto*, a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade. Os autores Halliday & Hasan (1976), definindo a coesão, apelam para a metáfora de “laço”, no intuito de mostrar que, no texto, cada segmento precisa estar atado, preso, pelo menos a um outro, de sorte que não há “pontas soltas”, ou pedaços que não se juntam a nenhum outro. (ANTUNES, 2005, p.48)

Outra autora que discute os mecanismos de coesão textual é Fávero (1995). Essa autora apresenta três tipos de coesão: referencial, recorrencial e sequencial. Nas considerações de Fávero (1995, p.18) “Há certos itens na língua que têm a *função* de estabelecer *referência*, isto é, não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação”.

Segundo a autora, a coesão referencial “pode ser obtida por substituição e por reiteração” (FÁVERO, 1995, p.18). No caso da coesão por substituição ocorre

[...] quando um componente é retomado ou precedido por uma pro-forma (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui). No caso de retomada, tem-se uma anáfora e, no caso de sucessão, uma catáfora. (FÁVERO, 1995, p. 19)

Já a coesão por reiteração ocorre quando determinadas expressões são repetidas no texto. Essa repetição pode ser por meio do mesmo item lexical, por sinônimos, por hiperônimos e hipônimos, por expressões nominais definidas e por

nomes genéricos. Só a título de exemplificação de um desses mecanismos, leiamos o seguinte texto, extraído de Fávero (1995, p.25):

O cantor Sting tem lutado pela preservação da Amazônia. O ex-líder da banda Police chegou ontem ao Brasil. O vocalista chegou com o cacique Raoni, com quem escreveu um livro.

No texto, a coesão foi realizada por reiteração, pois houve a retomada do mesmo fenômeno por expressões definidas: Sting, ex-líder da banda Police, vocalista.

Outro tipo de coesão apresentado por Fávero (1995) é a coesão recorrencial, a qual ocorre por meio de “recorrência de termos; paralelismo (= recorrência de estruturas); paráfrase (= recorrência semântica); recursos fonológicos segmentais e supra-segmentais” (FÁVERO, 1995, p.26).

Tomemos como exemplo o seguinte texto:

*Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor*

*Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.
(Manuel Bandeira)*

Fonte: Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/9068/irene-no-ceu>.
Acesso: 14 fev. 2020

Neste texto, encontra-se o paralelismo que diz respeito à recorrência de termos e de estruturas. Os 3 primeiros versos do poema demonstram esse mecanismo de coesão textual:

*Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor*

Outro mecanismo de coesão recorrencial diz respeito à paráfrase: a reescrita de um texto principal estabelece a criação de um texto derivado, conservando as mesmas ideias. Assim, a paráfrase

Contribui para a coesão de texto, já que atua como articuladora entre informações antigas e novas; distingue-se da repetição na medida em que possui uma característica importante: a criatividade – ausente daquela, caracterizada pelo automatismo (FÁVERO, 1995, p. 29).

Ainda em relação à coesão recorrencial, temos os recursos fonológicos, segmentais e supra-segmentais. Segundo Fávero (1995), a forma fonética do texto somente poderá ser prevista se levarmos em consideração pelo menos a pragmática, a estilística e a psicolinguística.

Quanto à coesão sequencial, Fávero (1995) esclarece que

Os mecanismos de coesão sequencial *strictu sensu* (porque toda coesão é, num certo sentido, sequencial) são os que têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional (FÁVERO, 1995, p. 33).

Na coesão sequencial, não há retomada de itens, sentenças ou estruturas. Esse tipo de coesão pode ocorrer por sequenciação temporal e sequenciação por conexão. A sequenciação temporal pode ser obtida pelos seguintes mecanismos: ordenação linear dos elementos do texto (*Levantou cedo, tomou banho e saiu.*), expressões que assinalam a ordenação ou continuação das sequências temporais (*Primeiro vi a moto, depois o ônibus*), partículas temporais (*Não deixe de vir amanhã.*), correlação dos tempos verbais (*Ordenei que deixassem a casa em ordem.*) (FÁVERO, 1995).

Sobre a sequenciação por conexão, Fávero (1995) afirma que

Num texto, tudo está relacionado; um enunciado está subordinado a outros na medida em que não só se compreende por si mesmo, mas ajuda na compreensão dos demais. Esta interdependência semântica e/ ou pragmática é expressa por operadores do tipo lógico, operadores discursivos e pausas (FÁVERO, 1995, p. 35).

Os operadores do tipo lógico estabelecem relações entre duas proposições. Dentre essas relações, destacam-se as seguintes: disjunção (*Pedro ou João será eleito presidente do clube*), condicionalidade (*Se chover, não iremos à festa.*), causalidade (*A água congelou porque chegou a 0º C.*) etc. Já os operadores do discurso podem ser, por exemplo, de conjunção (*Chove e faz frio.*), contração (*Jogou muito bem, todavia não conseguiu o título almejado.*), explicação (*Não faça barulho, que a criança está dormindo*), conclusão (*Estava chovendo muito hoje à tarde, por isso não fui vê-lo.*), comparação (*Você está mais cansado do que eu.*).

Em relação às pausas, Fávero (1995) afirma que são indicadas, na escrita, por meio dos sinais de pontuação. Dentre eles, destacam-se os dois pontos, vírgula, ponto-e-vírgula ou ponto final, os quais podem substituir os conectores frásicos e assinalar relações semânticas diferentes.

Vemos, assim, que a coesão textual está relacionada à maneira como os elementos textuais se ligam linguisticamente para formarem uma sequência de linearidade. Por outras palavras, a coesão exerce uma dependência entre os componentes do texto para torná-los inter-relacionados com o objetivo de estabelecer uma sequência de sentido à estrutura textual.

Nesse sentido,

[...] os mecanismos da coesão dão conta da estruturação da sequência superficial do texto (seja por recursos conectivos ou referenciais); não são simplesmente princípios sintáticos e sim uma espécie de semântica da sintaxe textual, onde se analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e produzir sentidos com recursos linguísticos (MARCUSCHI, 2008, p.118).

Feitas as considerações sobre o conceito e os mecanismos de coesão textual, no tópico a seguir, apresentamos a coesão por mecanismo de reiteração, dada a especificidade de nosso objeto de estudo que é a função coesiva dos pronomes relativos nos hipertextos digitais.

3.2 Mecanismo de Coesão Textual por Substituição Gramatical

Após apresentarmos os conceitos e os mecanismos da coesão textual, damos ênfase à coesão por reiteração, mais especificamente ao recurso da reiteração por substituição gramatical, destacando a retomada por pronomes relativos.

A coesão pela reiteração ocorre quando retomamos o que foi dito antes, de uma forma que as palavras ficam interligadas às anteriores. Como destaca Antunes (2005), no texto, é possível fazer a substituição de uma palavra por um pronome, por um advérbio ou até mesmo por outra palavra de sentido equivalente. Assim, a coesão por reiteração pode ocorrer por meio dos seguintes mecanismos: substituição lexical e substituição gramatical. (ANTUNES, 2005).

Dada a especificidade de nosso objeto de estudo, destacamos a substituição gramatical. Nesse tipo de mecanismo coesivo, os pronomes têm um papel

fundamental, pois se constituem uma classe especial de expressões referenciais, conforme afirma Antunes (2005, p.87):

Sobressai, assim, nesse cenário, a grande função textual dos pronomes: funcionar como elementos substituição, como elementos que asseguram a cadeia referencial do texto. Funcionam, assim, como nós de ligação entre seus diferentes segmentos, possibilitando a reiteração, a continuidade que o texto exige para ser coerente.

Nesse sentido, fazer uma substituição por um pronome, para o estabelecimento da coesão, significa empregá-lo da seguinte forma: um termo antecedente será retomado por um pronome que será chamado de anafórico (anáfora) ou o pronome substitui antecipadamente um nome e, neste caso, será catafórico (catáfora). Os exemplos a seguir, extraídos de Antunes (2005, p.87), demonstram os recursos da coesão estabelecidos por pronomes.

Exemplo 1: Anáfora

*A casa era por aqui
Onde? Procu-ro-a e não acho.*

(Manuel Bandeira, 1974, p.179)

No Exemplo 1, temos o termo antecedente “casa” sendo retomado pelo pronome pessoal oblíquo “a”. Neste caso, o pronome foi empregado para se referir ao termo “casa” que foi empregado anteriormente, ou seja, o pronome retoma o referente “casa”.

Exemplo 2: Catáfora

Muita e muita gente já **a** desejou. Alguns **a** tiveram. Ao longo da década de 80, **ela** deslumbrou o Brasil desfilando nas passarelas do Rio de Janeiro. Os anônimos que **a** desejaram, é natural, já **a** esqueceram. **Ela** se chama **Josette Armênia de Campos Rodrigues**. No auge de **seu** estrelato, chamava-se Josi Campos. Era uma mulher introspectiva, mas batalhadora e guerreira.

(IstoÉ, 29/09/04)

No Exemplo 2, os pronomes “ela” e “a” retomam o substantivo “Josette Armênia de Campos Rodrigues”. Neste exemplo, o procedimento de retomada do

referente é diferente do que ocorreu no Exemplo 1: o termo retomado veio depois dos pronomes que o retomam.

Compreendemos, assim, a importância desses procedimentos de coesão textual para o texto ficar claro, conciso, objetivo no momento em que escrevemos, porque esses recursos não permitem a repetição desnecessária de termos nos textos, uma vez que os pronomes fazem as substituições de acordo com as ocorrências que estão presentes nas sentenças. Por isso Antunes (2005) faz a seguinte afirmação:

[...] O que importa agora é tomar consciência de que o procedimento da substituição pronominal é um recurso altamente frequente em nossas interações verbais, faladas e escritas, e que decidir por substituir ou não uma palavra por um pronome requer a competência de saber avaliar seus efeitos. Com uma substituição, um texto pode ficar mais conciso, mais enxuto, ou, ao contrário, pode ficar menos claro e mais sujeito a ambiguidades ou a interpretações dúbias. As competências para tomar decisões desse tipo é que são as verdadeiras competências textuais, aquelas para as quais devíamos dirigir nossas maiores atenções. Na escola, ou não. (ANTUNES, 2005, p.88-89)

Em conformidade com as afirmações de Antunes (2005), entendemos que o procedimento de substituição por pronomes é muito recorrente em nossa língua, por estar presente em nossas formas de comunicação. Contudo para o texto ser compreendido, é essencial saber empregar corretamente as substituições.

Fávero (1995) também aborda o mecanismo de coesão por substituição. Essa autora faz uma proposta de reclassificação dos mecanismos de coesão textual, afirmando que esses mecanismos podem ocorrer por três tipos: coesão referencial, coesão recorrencial e coesão sequencial. No caso da coesão referencial, a autora diz que pode ser obtida por substituição e por reiteração e, assim como Antunes (2005), considera, em relação à coesão por substituição, por exemplo, que esse mecanismo de coesão ocorre

[...] quando um componente é retomado ou precedido por uma pro-forma (elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui). No caso de retomada, tem-se uma anáfora e, no caso de sucessão, uma catáfora. (FÁVERO, 1995, p. 19)

Como a coesão referencial foi citada por Fávero (1995), consideramos importante conceituar referenciação, para esclarecermos ainda mais o mecanismo da substituição gramatical. Diante desse fenômeno, Cavalcante (2012) explica que

[...] o processo de referenciação diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais. No texto em questão, um exemplo de referente seria Mafalda. As diversas expressões que são utilizadas, no texto produzido para se reportar a esse personagem (por exemplo, “Mafalda”, “ela”, “a garota”, “a esperta garota”) são as expressões referenciais. (CAVALCANTE, 2012, p. 98)

Outra autora que consideramos importante para fundamentar este trabalho é Koch (2018), a qual apresenta a visão de substituição na concepção apontada por diversos autores da Linguística Textual, como Halliday & Hasan e Harweg.

Segundo Koch (2018, p.20),

A *substituição* consiste, para Halliday & Hasan, na colocação de um item em lugar de outros(s) elemento(s) do texto, ou até mesmo, de uma oração inteira. Seria uma relação interna ao texto, em que uma espécie de “coringa” é usada em lugar da repetição de um item particular.

Esse fato nos leva a afirmar que os pronomes também estão entre os elementos indicados por Halliday & Hasan, no estabelecimento da coesão de qualquer texto, quando o autor necessita fazer a substituição de um termo por outro, ao produzir seu texto.

Em vista dos estudos de substituição gramatical neste trabalho, Koch (2018) também apresenta o posicionamento de outro autor a respeito desse mecanismo. A autora afirma que considerar que toda retomada de referentes textuais ocorre por substituição remonta a Harweg,

[...] um dos pioneiros da Linguística Textual na Alemanha. Harweg (1968) entende o texto como uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma “cadeia pronominal ininterrupta”. Para ele, são os pronomes que constituem um texto em texto. Sua noção de pronome é bastante ampla: toda e qualquer expressão linguística correferencial, isto é, que expressa um mesmo referente. Ao fato de os mesmos referentes (seres, objetos, lugares, fatos etc.) poderem ser retomados no texto através de formas linguísticas substitutivas, Harweg denomina “múltiplo referenciamento” (KOCH, 2018, p. 23).

O mecanismo de substituição gramatical é um recurso de coesão reiterativo, considerando que esse recurso promove a retomada de referências realizadas no texto. No caso dos pronomes, Marcuschi (2008) afirma que

[...] são casos de substituição mínima, ou seja, a remissão não se baseia em quase nenhuma característica semântica do item substitutivo, pois ele não é referencial em si mesmo e tem apenas uma relação morfossintática com o item ou estrutura que refere. Os pronomes, por formarem a classe mais genérica dos nomes, são minimamente marcados do ponto de vista semântico (não vamos aqui tratar das anáforas indiretas, associativas, analógicas, metonímicas etc. que se fundam em princípios cognitivos mais complexos) [...] (MARCUSCHI, 2008, p.110).

Convém ressaltar que, ao usarmos os pronomes como elementos de substituição gramatical, devemos considerar que o “exagero no uso da pronominalização num texto leva a uma progressiva diminuição da informação e a uma dificuldade crescente de processamento cognitivo”. (MARCUSCHI, 2008, p.111).

No funcionamento da linguagem no dia a dia, não observamos como os mecanismos de coesão vão se encadeando. Contudo, no momento em que produzimos os textos, quer orais quer escritos, vamos estabelecendo os nexos de sentido na tessitura textual. Esses nexos constituem

[...] uma cadeia de elos. Assim, podemos perceber em um texto cadeias de nexos de equivalência, cadeias de nexos de contiguidade ou cadeias de nexos de associação. Quanto mais um texto é atravessado por essas cadeias mais coesivo ele é (ANTUNES, 2010, p. 121).

Dentre esses nexos, destacamos os pronomes relativos que, num texto, têm a função coesiva de estabelecer uma relação de sentido para o adequado funcionamento textual, a partir das ligações realizadas no percurso do texto. Isto porque o pronome relativo contribui para dar clareza ao texto, uma vez que

[...] Os pronomes – de todos os tipos – têm essa função textual de ir promovendo as cadeias de referência que vão dando ao texto articulação e unidade. Qualquer descuido nesse ponto pode provocar uma imprecisão referencial, uma opacidade referencial, de consequências perturbadoras, quase sempre (ANTUNES, 2010, 131).

Com base nas considerações teóricas sobre a substituição gramatical como mecanismo de coesão textual até aqui apresentadas, podemos compreender que esse mecanismo também pode ser considerado um mecanismo de coesão referencial.

4 O PRONOME RELATIVO E A COESÃO TEXTUAL

Pensar no pronome relativo como um recurso de coesão textual significa buscar depreender a inter-relação de sentido entre as partes do texto, demonstrando que esse tipo de pronome funciona como um elemento de coesão que sustenta a cadeia referencial do texto.

Neste Capítulo, abordamos o pronome relativo tanto como uma categoria gramatical quanto como um elemento coesivo, destacando as funções que ele exerce no texto para o estabelecimento da coesão.

4.1 O Pronome Relativo e o Mecanismo de Construção Recursiva

Fazendo um sobrevoo na história, encontramos os teóricos Arnauld e Lancelot (2001) afirmando que os pronomes surgiram da seguinte forma:

Como os homens foram obrigados a falar muitas vezes das mesmas coisas num mesmo discurso e fosse monótono repetir sempre as mesmas palavras, inventaram certos vocábulos para substituir esses nomes, sendo por isso denominados de *pronomes* (ARNAULD; LANCELOT, 2001, p. 54 - grifo dos autores).

Na produção dos diferentes tipos de textos com os quais nos relacionamos e, nos hipertextos de modo especial, os pronomes são de fundamental importância para a construção dos sentidos do texto, uma vez que eles funcionam como uma espécie de ligação, de laço, dando assim unidade ao texto.

O pronome foi enquadrado em uma das categorias gramaticais como

[...] a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso (BECHARA, 2015, p.162).

No processo de interação, o pronome se manifesta como pessoa do discurso: a 1ª pessoa corresponde ao falante/emissor; a 2ª pessoa, ao ouvinte/receptor. Quanto à 3ª pessoa, podemos afirmar que ela aponta para outra pessoa em relação aos interlocutores. Nesse sentido, considerando o ponto de vista semântico-discursivo, o pronome representa as pessoas do discurso, por meio da

“*dêixis*”, permitindo a retomada ou antecipação de interagentes, no processo de comunicação, realizada por meio da foricidade (anáfora e catáfora).

Considerando o ponto de vista gramatical, Castilho (2010) afirma que o pronome “exibe as propriedades morfológicas de (i) caso; (ii) pessoa e número; (iii) gênero. Morfemas afixais e lexemas distintos expressam essas oportunidades” (CASTILHO, 2010, p.474).

Em relação ao pronome relativo, escopo deste Capítulo, Arnauld e Lancelot (2001) afirmam que esse pronome apresenta duas características: (i) substitui o nome e, de modo mais geral que os demais pronomes, todas as pessoas; (ii) apresenta funções específicas como a de estabelecer relação com outro nome ou pronome chamado **antecedente** e a de participar da estrutura da “proposição na qual entra (que se poderia chamar de *incidente*) e fazer parte do sujeito ou do atributo de uma outra proposição, que pode ser chamada principal” (ARNAULD; LANCELOT, 2001,p.60 - grifo dos autores)

Castilho (2010) também afirma que esse pronome desempenha simultaneamente duas funções: como pronome, “recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença que ele encabeça; enquanto conjunção, liga a adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz (CASTILHO, 2010, p. 368-369).

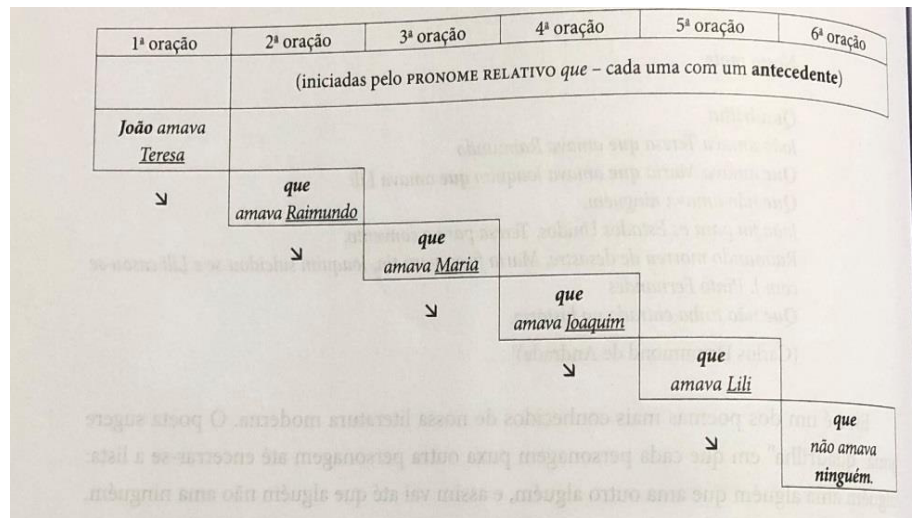
Por esse ângulo, compreendemos que o pronome relativo exerce uma função de recursividade nas orações iniciadas por ele, como podemos comprovar no poema de Carlos Drummond de Andrade (2020, p.1):

Quadrilha

*João amava Teresa que amava Raimundo
Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
Que não amava ninguém
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e
Lili casou-se com J. Pinto Fernandes
Que não tinha entrado na história.*

Fonte: Disponível em: www.escritas.org > quadrilha. Acesso: 14 fev. 2020

Nesse poema, cada personagem puxa outra personagem, dizendo que alguém ama alguém que ama outro alguém e assim vai até que alguém não ama ninguém. Essa forma de tecer o poema foi possibilitada pelo uso do pronome relativo, por meio da recursividade. Esse mecanismo de construção recursiva pode ser ilustrado do seguinte modo (Figura 4):

Figura 4: Mecanismo de Construção Recursiva

Fonte: Neves, 2018, p. 642

Nessa cadeia recursiva, constituída por 6 (seis) orações, cada elemento que é retomado pelo pronome relativo constitui o termo antecedente desse pronome. Assim, nas orações *João amava Teresa/que amava Raimundo/Que amava Maria /que amava Joaquim/ que amava Lili/Que não amava ninguém*, o pronome relativo “que” representa o constituinte que é o antecedente dessas orações: “Teresa”, “Raimundo”, “Maria”, “Joaquim”, “Lili”.

Carvalho (2007, p.297) afirma que

O pronome relativo é um pronome que se relaciona anaforicamente ao nome (substantivo ou pronome) que o antecede (antecedente), e exerce dupla função: uma gramatical, de conectivo oracional; outra, sintática, de natureza substantiva (de sujeito, ou de objeto, por exemplo), ou de natureza adverbial (de adjunto adverbial), ou de natureza adjetiva (adjunto adnominal).

No poema de Drummond, o pronome “que” retoma substantivos que o antecedem, exercendo, assim, duas funções: a de conectivo oracional, pois inicia orações adjetivas, e a de sujeito dessas orações. Nesse sentido, precisamos compreender o uso desses pronomes como recursos coesivos na construção dos sentidos dos hipertextos.

Neves (2018) afirma que “em princípio, os pronomes relativos introduzem uma oração adjetiva. Ela exerce a função de adjunto adnominal do substantivo que é seu antecedente, tal como um adjetivo” (NEVES, 2018, p.643). A autora apresenta o seguinte exemplo:

*Ao longo do Novo Testamento a figura de Jesus vai se modificando: temos primeiro o bebê **que** nasce na manjedoura, o menino **que** assombra os anciãos no templo (APA-R)*

Nesse exemplo, as orações iniciadas pelo pronome relativo **que** exprimem uma propriedade (natureza do pronome relativo). Assim, “que nasce na manjedoura” é propriedade do nome/substantivo “bebê” e “que assombra os anciãos no templo” é propriedade de “menino”. Vemos, neste caso,

a semelhança de funcionamento entre um sintagma adjetivo e uma oração iniciada pelo PRONOME RELATIVO **que**:

- Propriedade de bebê: **que** nasce na manjedoura = nascido/nato na manjedoura
- Propriedade de menino = **que** assombra os anciãos no templo = “assombrador” dos anciãos no templo. (NEVES, 2018, p.643).

O pronome relativo, nas duas orações adjetivas, representa o constituinte que é o seu antecedente: na 1ª oração, o antecedente é “o bebê” e na 2ª oração, é “o menino”.

Ainda nos estudos das construções relativas, podemos apresentar um formato que determina essas construções de relativização, conforme Perini (2019,139-140):

Uma construção relativa tem a seguinte estrutura: Uma oração aparece dentro de um SN (SINTAGMA NOMINAL);
Essa oração tem um de seus termos substituído por um pronome relativo;
Semanticamente, esse pronome relativo remete ao núcleo do SN (SINTAGMA NOMINAL).

Feitas estas considerações sobre o pronome relativo como uma categoria gramatical e tendo por base as concepções teóricas apresentadas, podemos afirmar que na produção dos diferentes tipos de textos com os quais nos relacionamos e, nos hipertextos de modo especial, esse tipo de pronome é de fundamental importância para a construção dos sentidos do texto, uma vez que ele funciona como uma espécie de ligação, de laço, dando assim unidade ao texto.

4.2 O Pronome Relativo e o Mecanismo de Coesão Textual

As abordagens sobre os pronomes e, em especial, os pronomes relativos nos mostram sua funcionalidade nos textos, uma vez que, como elementos linguísticos, os pronomes estabelecem ligação entre as sentenças constitutivas do texto.

Antunes (2005) faz a seguinte afirmação sobre o uso dos pronomes como recursos coesivos:

Evidentemente, não apenas os pronomes pessoais podem entrar em nexos coesivos com seus antecedentes. Outros tipos de pronomes – como os demonstrativos, os possessivos, **os relativos**, os indefinidos – também cumprem a mesma função, retomando ou antecipando referências anteriores ou subseqüentes. Garantem assim a ligação entre subpartes diferentes do texto (ANTUNES, 2005, p. 92- grifo nosso).

No caso dos pronomes relativos, a ligação entre as subpartes do texto é possibilitada pela relação de retomadas que cria um movimento constante de idas e voltas, de modo que cada palavra, cada sentença vai se conectando com outras, dando assim uma unidade de sentido ao texto.

Nesse sentido, conforme Antunes (2005, p.92-93),

Quem usa esses pronomes deve estar atento para avaliar como fica a clareza do que é referido, quanto a ambigüidades ou imprecisões, um cuidado que implica, ao mesmo tempo, conhecer as normas da gramática e conhecer as normas de como se faz um texto.

No texto, o uso dos pronomes relativos favorece sua coesão, ao estabelecer relações de reiteração, por meio de retomadas de referentes anteriormente apresentados. Nesse sentido, esses pronomes funcionam como expressões referenciais que contribuem para a continuidade do texto, sua seqüência, sua coesão. (ANTUNES, 2005).

No que diz respeito às expressões referenciais, partimos, inicialmente, do princípio de “[...] que o **referente** é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2014, p.98).

Nessa perspectiva, entendemos que os pronomes relativos fazem as remissões aos termos anteriores, isto é, aos referentes, estabelecendo, assim, uma

relação coesiva com os elementos da superfície textual, para a produção de sentido do texto, como preceitua Antunes (2005, p.164):

A coesão do texto [...] tem uma dupla função: a de *promover* e a de *sinalizar* as articulações de segmentos, de modo a possibilitar a sua continuidade e a sua unidade. Dessa forma, a coesão não apenas *estabelece os nexos* que ligam as subpartes do texto como também *sinaliza*, marca onde estão esses nexos e quais os pontos que eles articulam.

Partindo dos pressupostos apresentados por Antunes (2005), voltamo-nos às categorias existentes no processo de referenciação, enfatizando a função anafórica existente na relação do pronome relativo com seu antecedente, o que está diretamente vinculado ao estabelecimento da função coesiva na tessitura do texto.

Dada a especificidade de nosso objeto de estudo, abordamos dois tipos de processos referenciais: anáfora direta e anáfora indireta, por serem processos referenciais que fazem remissões a um referente, tendo o pronome relativo como elemento de retomada.

A anáfora direta é uma possibilidade de ocorrência do processo referencial anafórico, como explica Cavalcante (2014, p. 123): “As expressões que retomam referentes já apresentados no texto por outras expressões são chamadas de anáforas diretas ou anáforas correferenciais”.

Para melhor compreendermos a anáfora direta ou correferencial, a autora nos apresenta o exemplo a seguir:

Patativa do Assaré *05/03/1909 * 08/07/ 2002

Poeta e repentista cearense, nascido na localidade de Serra do Santana, próximo de Assaré, cego de um olho desde os 4 anos de idade, Antonio Gonçalves da Silva alfabetizou-se aos 12, quando frequentou a escola por alguns meses, começando logo em seguida a compor versos. Iniciou-se como cantador e violeiro aos 16 anos, e três anos depois, numa viagem ao Pará, recebeu o apelido de Patativa. Com o passar dos anos, ele foi se tornando conhecido na região, e em 1956 publicou seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*. Mais tarde teve outras coletâneas de poemas publicadas, além de diversos folhetos de cordel. Patativa conheceu a fama em 1964, quando Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, gravou *Triste Partida*, de sua autoria. Em 1972 o cantor Fagner gravou sua música “Sina” e mais tarde tornou-se produtor de seus discos.

(Fonte: Adaptado de <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/patativa-do-Assare>>. Acesso em: 12 dez. 2011.)

Fonte: Cavalcante, 2014, p.123

No Exemplo acima, a autora faz destaque do referente representado pela expressão “Patativa do Assaré” das expressões referenciais anafóricas que retomam o referente. Essas expressões referenciais possuem estruturas linguísticas diversas, como, segundo a autora (2014, p.123): “Pronomes: “ele”; “seu”. Novo sintagma nominal: “Poeta”; “repentista cearense”; “Antonio Gonçalves da Silva”. Repetição de um item lexical ou pronominal: “Patativa”; “ele”.”

Cavalcante (2014) também explica que

Para a ocorrência de anáfora, não é necessário, no entanto, que haja obrigatoriamente *correferencialidade*, ou seja, que nova expressão represente precisamente um referente já construído no texto. Pode até parecer estranho, mas é possível que uma anáfora introduza um novo referente no discurso (CAVALCANTE, 2014, p.124).

Ou seja, a autora apresenta outra possibilidade de ocorrência do processo referencial anafórico, que é a anáfora indireta, “estratégia, em que um novo referente é apresentado como já conhecido, em virtude de ser inferível por conta do processamento sociocognitivo do texto [...]” (CAVALCANTE, 2014, p. 125).

Para demonstrar sua abordagem, Cavalcante (2014) utiliza, dentre outros, o texto a seguir, exemplo que apresentamos neste trabalho, por considerarmos importante e necessário à compreensão do processo referencial anafórico indireto.

Era um feriado de ano novo, e todos no hospício estavam muito felizes, brincando em uma piscina, que acabara de ser instalada, quando chega o fim da tarde e um louco fala com o médico:

– Adorei o dia de hoje, todos estão gostando muito da piscina, né, doutor?

O médico responde:

– É verdade.

O louco pergunta novamente:

– Amanhã vamos poder brincar na piscina?

Mais uma vez, o médico responde:

– Sim, amigo, amanhã vai estar muito melhor: vamos colocar água nela.

(Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/1-de-janeiro-0402CC9C3664C0A12326?types=A&>>. Acesso em: 1 jan. 2012.)

Fonte: Cavalcante, 2014, p.124

No Exemplo dado pela autora, a expressão “o médico”, apesar de aparecer no texto pela primeira vez, é previsível dentro do contexto discursivo, pois o leitor pode interpretá-lo a partir das relações que pode estabelecer entre os termos “hospício” e “médico”, considerando seu conhecimento de mundo.

Ao analisarmos os dispositivos referenciais anafóricos presentes em nossa pesquisa, compreendemos a importância de relacioná-los com os pronomes relativos, uma vez que esses pronomes funcionam como elementos de retomada, sendo, portanto, anafóricos também e cruciais para a coesão textual. A esse respeito, Antunes (2005, p. 47) propõe “[...] exatamente como sendo essa *propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática*”.

Voltando-nos agora ao pronome relativo como elemento anafórico, por sempre retomar um termo antecedente (NEVES, 2018), verificamos nele a prevalência da correferencialidade, já que o elemento retomado está na superfície do texto e não se trata de um elemento inferível, como ocorre na anáfora indireta.

Como demonstração desse aspecto referencial anafórico do pronome relativo, tomemos como exemplo a tirinha a seguir:



Fonte: www.universodosleitores.com. Acesso 13 mar. 2020

Nessa tirinha, podemos observar duas ocorrências do caráter anafórico do pronome relativo nas seguintes passagens:

1. *Só lembro que a **cegonha que** me trouxe decolou de Orly às 17:22, hora de Paris, é claro. Depois...*
2. *[...] Fizemos uma escala em Dakar, outra no Rio, onde trocaram uma **pena que** não estava boa, e finalmente ela me deixou aqui.*

Na passagem 1, o termo CEGONHA (termo antecedente) é retomado pelo pronome relativo QUE (pronome anafórico). Já na passagem 2, o substantivo PENA (termo antecedente) é retomado, também, pelo pronome QUE (pronome relativo anafórico). Nas duas ocorrências, o pronome relativo funciona como elemento referencial anafórico, estabelecendo, assim, a coesão pela retomada direta de um elemento (seu termo antecedente) que se encontra na superfície do texto.

Tomemos outro exemplo, um excerto extraído da letra de uma música da comunidade católica:

[...]
*A pedra que os pedreiros rejeitaram
 Tornou-se agora a pedra angular
 Pelo Senhor é que foi feito tudo isso
 Que maravilhas ele fez a nossos olhos!*

Fonte: <<https://www.lettras.mus.br/comunidade-catolica-shalom/este-e-o-dia-salmo-117/>>. Acesso 13 mar. 2020

No primeiro verso, em “A **pedra que os pedreiros rejeitaram**”, temos a mesma estrutura referencial/coesiva que nos casos mostrados anteriormente: PEDRA (termo antecedente) é retomado pelo pronome relativo QUE (pronome anafórico). Em outras palavras, mudam-se os referentes, o gênero textual, mas a forma de o pronome relativo promover a coesão textual permanece.

Com base nas discussões teóricas, até aqui apresentadas, sobre o pronome relativo e o mecanismo de coesão, podemos dizer que, não importando o gênero textual, a função de retomada pelo pronome relativo ocorre da mesma forma: correferencialmente. Nesse sentido, ao buscarmos apreender a função coesiva do pronome relativo, no hipertexto digital produzido no Facebook, procuramos demonstrar que as retomadas de referentes textuais realizadas pelo pronome relativo, na tessitura dos hipertextos digitais, funcionam como mecanismo de coesão na construção dos sentidos do texto.

5 A COESÃO TEXTUAL NO HIPERTEXTO DIGITAL: a Pesquisa

Neste Capítulo, abordamos a pesquisa de campo que realizamos, com o objetivo de investigar a função coesiva dos pronomes relativos nos textos produzidos na Rede Social Facebook. Esse Capítulo consta da análise dos dados e da construção dos resultados da pesquisa.

5.1 Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada em dois momentos. No primeiro momento, realizamos a análise ideográfica do corpus e no segundo momento, foi realizada a análise nomotética. Esse movimento encontra-se descrito nos subtópicos a seguir.

5.5.1 Análise Ideográfica

Na trajetória fenomenológica, a análise ideográfica consiste na identificação das Unidades de Significado de cada descrição dos sujeitos da pesquisa. Nesse momento, inicialmente, selecionamos do corpus construído os hipertextos que seriam analisados. Foram selecionados 16 (dezesesseis) *Print screens* dos que compuseram o corpus da pesquisa, conforme já identificados no tópico 1.3. Para isso, retomamos a Questão Norteadora da pesquisa:

De que modo os usuários da Rede Social Facebook empregam o pronome relativo para estabelecer a coesão textual?

Construímos um quadro de análise individual assim caracterizado: na primeira coluna, encontram-se as realizações linguísticas dos interagentes, na maneira original em que o sujeito as escreveu. Essas realizações linguísticas são denominadas de Descrição dos sujeitos e estão identificadas com numeral cardinal, em ordem crescente. Na segunda coluna, são destacadas as Unidades de Significado retiradas das Descrições de cada sujeito e consideradas significativas para o pesquisador somente aquelas em que o sujeito da pesquisa empregou o pronome relativo em suas realizações linguísticas. Essas Unidades de Significado

estão numeradas em algarismos arábicos na sequência em que aparecem na Descrição, reiniciando a numeração em cada sujeito.

Quadro 1 – Análise Ideográfica da Descrição 1

DESCRIÇÃO 1	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-1
Tudo de ruim que acontece no país ainda é legado de gestão petista. Muita grana já voltou para os cofres públicos com esse governo atual e creio que nesse ritmo vamos chegar em uma potência mundial. Agora nos estados e municípios que possui essa grana vermelha só lamento pois suas resistências são contra o bem de nosso país.	<p>1. Tudo de ruim que acontece no país ainda é legado de gestão petista.</p> <p>2. Agora nos estados e municípios que possui essa grana vermelha só lamento</p>

Síntese da Descrição 1

Na Descrição 1, o sujeito emprega o pronome relativo

- com função de sujeito da sentença que inicia
- como conectivo que liga a oração adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz
- como expressão referencial

Quadro 2 – Análise Ideográfica da Descrição 2

DESCRIÇÃO 2	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-2
<p>No andar da carruagem, a tropa governista parece desejar é uma Reforma da “Previdên\$ia”. Isso mesmo, com o “\$” da capitalização que, no fim das “conta\$”, só vai te (nos) deixar “li\$ão” (ões).</p> <p>A quem intere\$\$a de fato e\$\$e de\$enho de Reforma?</p>	<p>1. Isso mesmo, com o “\$” da capitalização que, no fim das “conta\$”, só vai te (nos) deixar “li\$ão” (ões).</p>

Síntese da Descrição 2

Na Descrição 2, o sujeito emprega o pronome relativo

- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz
- com função de sujeito da sentença que inicia
- como expressão referencial

Quadro 3 - Análise Ideográfica da Descrição 3

DESCRIÇÃO 3	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-3
TERRÍVEL NOTÍCIA: Não existem mais CÃES na Venezuela, pois foram comidos pelo povo que está morrendo de FOME!	1. [...] pois foram comidos pelo povo que está morrendo de fome!

Síntese da Descrição 3

Na Descrição 3, o sujeito emprega o pronome relativo

- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz
- com função de sujeito da sentença que inicia
- como expressão referencial

Quadro 4 - Análise Ideográfica da Descrição 4

DESCRIÇÃO 4	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-4
<p>Não adianta orar a Deus pelas vítimas de crimes ambientais e depois eleger políticos que não se importam com a exploração ambiental. Spoiler: coisas assim continuarão a acontecer!</p> <p>A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro que eleger os governos do estado, é de cada brasileiro que eleger presidentes desde a criação da Vale por Getúlio.</p> <p>Não seja alienado pela comoção religiosa que se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela. Seja cristão, mas não seja tolo.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. [...] e depois eleger políticos que não se importam com a exploração ambiental. 2. A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro que eleger os governos do estado 3. é de cada brasileiro que eleger presidentes desde a criação da Vale por Getúlio. 4. Não seja alienado pela comoção religiosa que se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela.

Síntese da Descrição 4

Na Descrição 4, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz
- com função de sujeito da sentença que inicia

Quadro 5 - Análise Ideográfica da Descrição 5

DESCRIÇÃO 5	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-5
<p>O bem que se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno. (...) porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele a quem o senhor recomenda. 2 Coríntios 10:18</p>	<p>1. O bem que se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno. 2. (...) porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele a quem o senhor recomenda.</p>

Síntese da Descrição 5

Na Descrição 5, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz
- com função de sujeito da sentença que inicia (1)
- com função de objeto indireto da sentença que inicia (2)

Quadro 6 - Análise Ideográfica da Descrição 6

DESCRIÇÃO 6	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-6
<p>O louvor a Deus não o impressiona. Serve para nossa própria edificação. Deus se alegra sim e nos incentiva a que cantemos salmos em ação de graças, porém a beleza da adoração é o que ela proporciona em nós e não no exterior. O louvor edifica, transforma, limpa a alma e gera em nós a gratidão e o sentimento de que estamos bem seguros na mão do Altíssimo!</p>	<p>1. [...] porém a beleza da adoração é o que ela proporciona em nós e não no exterior.</p>

Síntese da Descrição 6

Na Descrição 6, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva
- com função de objeto direto da sentença que inicia

Quadro 7 - Análise Ideográfica da Descrição 7

DESCRIÇÃO 7	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-7
<p>Teve uma fala que me marcou na manifestação de hoje. “Se hoje temos meia passagem, foram jovens que foram para as ruas lutar por esse direito e hoje esses mesmos jovens também estavam lá, só que agora de cabelos brancos”.</p> <p>Eu sou um deles e tenho orgulho de continuar lutando por um país melhor para todos.</p> <p>Esse é só um dos inúmeros exemplos de que quando nos organizamos e lutamos juntos nós conseguimos. A luta continua!!!</p>	<p>1. Teve uma fala que me marcou na manifestação de hoje.</p> <p>2. “Se hoje temos meia passagem, foram jovens que foram para as ruas lutar por esse direito</p>

Síntese da Descrição 7

Na Descrição 7, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva
- com função de sujeito da sentença que inicia

Quadro 8 - Análise Ideográfica da Descrição 8

DESCRIÇÃO 8	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-8
<p>Você tem um guru que se diz filósofo, um ministro que é súdito deste dito filósofo, mas você abomina a filosofia nas universidades.</p> <p>Alguém me explica o inexplicável, por favor.</p>	<p>1. Você tem um guru que se diz filósofo</p> <p>2. um ministro que é súdito deste dito filósofo</p>

Síntese da Descrição 8

Na Descrição 8, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva
- com função de sujeito da sentença que inicia

Quadro 9 - Análise Ideográfica da Descrição 9

DESCRIÇÃO 9	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-9
<p>Minha homenagem ao Dia da Língua Portuguesa</p> <p>Lusofonia</p> <p>Não chego a Bilac neste intento, Contudo, vou prestar uma homenagem Ao idioma Português, nossa língua(gem), Com que falo, escrevo e (re)invento. E o faço com amor, contentamento, Co'esperança, ternura e coragem De um viajante que leva na bagagem O idioma, guardião do pensamento. O latim do passado – hegemonia Ressurge noutras línguas renovado, Refutando o dito "língua morta", Falácia de Argumento reprovado. Isso posto, agora, o que importa É celebrar, ó nações-lusofonia!</p>	<p>1. Ao idioma Português, nossa língua(gem), Com que falo, escrevo e (re)invento.</p> <p>2. De um viajante que leva na bagagem O idioma, guardião do pensamento.</p> <p>3. Isso posto, agora, o que importa É celebrar, ó nações-lusofonia!</p>

Síntese da Descrição 9

Na Descrição 9, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo que liga a oração subordinada adjetiva
- com função de objeto indireto da sentença que inicia (1)
- com função de sujeito da sentença que inicia (2 e 3)

Quadro 10 - Análise Ideográfica da Descrição 10

DESCRIÇÃO 10	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-10
<p>Hoje eu dei um conselho sobre desamor. Há um sentido reordenador em desamor quem sucessivamente nos arrancou o tutano da vida.</p>	<p>1. Há um sentido reordenador em desamor quem sucessivamente nos arrancou o tutano da vida.</p> <p>Quem = aquele que => pronome relativo</p>

Síntese da Descrição 10

Na Descrição 10, o sujeito emprega o pronome relativo

- como conectivo que inicia uma oração subordinada adjetiva livre
- como expressão referencial de antecedente omissivo de traço humano, parafraseável por *aquela que*

- com função de sujeito da oração que inicia

Quadro 11 - Análise Ideográfica da Descrição 11

DESCRIÇÃO 11	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-11
O ato de empoderar é considerado uma atitude social que consiste na conscientização dos variados grupos sociais, principalmente as MINORIAS sobre a importância do seu posicionamento e visibilidade como meio para lutar por seus direitos.	1. O ato de empoderar é considerado uma atitude social que consiste na conscientização dos variados grupos sociais

Síntese da Descrição 11

Na Descrição 11, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo para ligar oração subordinada adjetiva
- com função de sujeito da oração que inicia

Quadro 12 - Análise Ideográfica da Descrição 12

DESCRIÇÃO 12	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-12
Viajei com um casal francês e uma bebezinha ao meu lado. Ela muito simpática conversava comigo enquanto o pai cuidava da neném no colo. Pense numa bebezinha graciosa, da bochechinha rosada sorrindo para mim?! Coisa mais linda do mundo! Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. Que é o certo. Eles realmente estão cuidando em parceria.	1. Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. Que é o certo.

Síntese da Descrição 12

Na Descrição 12, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- com função de sujeito da oração que inicia
- como conectivo para ligar oração subordinada adjetiva

Quadro 13 - Análise Ideográfica da Descrição 13

DESCRIÇÃO 13	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-13
<p>“Qual animal você viu primeiro na imagem? Sua mente engana você para ver as coisas com base em sua personalidade e o que você vê revela muito sobre quem você é.”</p> <p>O primeiro animal que você identificar revelará muito sobre sua personalidade.</p>	<p>1. e o que você vê revela muito sobre quem você é.”</p> <p>2. O primeiro animal que você identificar revelará muito sobre sua personalidade.</p>

Síntese da Descrição 13

Na Descrição 13, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo para ligar oração adjetiva
- com função de objeto direto da oração que inicia

Quadro 14 - Análise Ideográfica da Descrição 14

DESCRIÇÃO 14	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-14
<p>Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra que você encontra nesta gravura pode revelar aspectos importantes de sua vida e de sua personalidade.</p> <p>Encontre a sua e descubra o seu significado.</p> <p>A primeira palavra que você encontrar revela aspectos importantes sobre você.</p>	<p>1. Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra que você encontra nesta gravura.</p> <p>2. A primeira palavra que você encontrar revela aspectos importantes sobre você.</p>

Síntese da Descrição 14

Na Descrição 14, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo para ligar oração subordinada adjetiva
- com função de objeto direto da oração que inicia

Quadro 15 - Análise Ideográfica da Descrição 15

DESCRIÇÃO 15	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-15
<p>A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade que se diverte aprendendo a escrever o nome, mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.</p> <p>Vida Maria, um curta-metragem que todos os alunos devem assistir – Revista Prosa ...</p>	<p>1. A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade que se diverte aprendendo a escrever o nome</p> <p>2. Mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.</p> <p>3. Vida Maria, um curta-metragem que todos os alunos devem assistir – Revista Prosa ...</p>

Síntese da Descrição 15

Na Descrição 15, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo para ligar oração subordinada adjetiva
- com função de sujeito da oração que inicia (1 e 2)
- com função de objeto indireto da oração que inicia (3)

Quadro 16 - Análise Ideográfica da Descrição 16

DESCRIÇÃO 16	UNIDADES DE SIGNIFICADO D-16
<p>O motivo que leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos, ao saberem de assassinato de algum colega de profissão, é a moleza das leis contra os bandidos!</p> <p>“Quem, num mundo cheio de perversos, pretende seguir – em tudo- os ditames da bondade, caminha inevitavelmente para a própria perdição.” (MAQUIAVÉL, Nicolau)</p>	<p>1. O motivo que leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos,</p>

Síntese da Descrição 16

Na Descrição 16, o sujeito emprega o pronome relativo

- como expressão referencial
- como conectivo para ligar oração subordinada adjetiva
- com função de sujeito da oração que inicia

5.1.2 Análise Nomotética

Feita a análise ideográfica das Descrições dos Sujeitos da pesquisa, iniciamos um novo movimento da trajetória fenomenológica: o da análise nomotética, momento em que procuramos estabelecer um movimento sincrônico do aspecto individual para o geral ou coletivo, partindo das Unidades de Significados identificadas nas Descrições dos sujeitos. Essas Unidades convergiram entre si, resultando em 3 (três) Categorias Abertas. O Quadro a seguir demonstra esse movimento.

Quadro 17 – Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas

CATEGORIAS ABERTAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
<p>EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE SUJEITO</p>	<p>1. Tudo de ruim que acontece no país ainda é legado de gestão petista.</p>	<p>D1</p>
	<p>2. Agora nos estados e municípios que possui essa grana vermelha só lamento</p>	<p>D1</p>
	<p>1. Isso mesmo, com o “\$” da capitalização que, no fim das “conta\$”, só vai te(nos) deixar “li\$ão” (ões).</p>	<p>D2</p>
	<p>1. [...] pois foram comidos pelo povo que está morrendo de fome!</p>	<p>D3</p>
	<p>1. [...] e depois eleger políticos que não se importam com a exploração ambiental.</p>	<p>D4</p>
	<p>2. A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro que elegeu os governos do estado,</p>	<p>D4</p>
	<p>3. é de cada brasileiro que elegeu presidentes desde a criação da Vale por Getúlio.</p>	<p>D4</p>
	<p>4. Não seja alienado pela comoção religiosa que se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela.</p> <p>1. O bem que se faz buscando</p>	<p>D4</p>

EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE SUJEITO	auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno.	D5
	1. Teve uma fala que me marcou na manifestação de hoje.	D7
	2. “Se hoje temos meia passagem, foram jovens que foram para as ruas lutar por esse direito	D7
	1. Você tem um guru que se diz filósofo,	D8
	2. um ministro que é súdito deste dito filósofo	D8
	1. Ao idioma Português, nossa língua(gem),/Com que falo, escrevo e (re)invento.	D9
	2. De um viajante que leva na bagagem/O idioma, guardião do pensamento.	D9
	3. Isso posto, agora, o que importa/É celebrar, ó nações-lusofonia!	D9
	1. Há um sentido reordenador em desamar quem sucessivamente nos arrancou o tutano da vida.	D10
	1. O ato de empoderar é considerado uma atitude social que consiste na conscientização dos variados grupos sociais	D11
	1. Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. Que é o certo.	D12
	1. A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade que se diverte aprendendo a escrever o nome	D15
2. Mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.	D15	

	<p>1. O motivo que leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos,</p>	D16
<p>EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL</p>	<p>2. (...) porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele a quem o senhor recomenda.</p>	D5
	<p>1. [...] porém a beleza da adoração é o que ela proporciona em nós e não no exterior.</p>	D6
	<p>1. Ao idioma Português, nossa língua(gem), Com que falo, escrevo e (re)invento.</p>	D9
	<p>1. e o que você vê revela muito sobre quem você é.”</p>	D13
	<p>2. O primeiro animal que você identificar revelará muito sobre sua personalidade.</p>	D13
	<p>1. Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra que você encontra nesta gravura.</p>	D14
	<p>2. A primeira palavra que você encontrar revela aspectos importantes sobre você.</p>	D14
	<p>3. Vida Maria, um curta-metragem que todos os alunos devem assistir – Revista Prosa</p>	D15
<p>INTRODUTOR ORACIONAL</p>	<p>1. Tudo de ruim que acontece no país ainda é legado de gestão petista.</p>	D1
	<p>2. Agora nos estados e municípios que possui essa grana vermelha só lamento</p>	D1
	<p>1. Isso mesmo, com o “\$” da capitalização que, no fim das “conta\$”, só vai te (nos) deixar</p>	D2

INTRODUTOR ORACIONAL	“lição” (ões).	
	1.[...] pois foram comidos pelo povo que está morrendo de fome!	D3
	1. [...] e depois eleger políticos que não se importam com a exploração ambiental. (D4)	D4
	2. A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro que eleger os governos do estado	D4
	3. é de cada brasileiro que elegeru presidentes desde a criação da Vale por Getúlio.	D4
	4. Não seja alienado pela comoção religiosa que se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela.	D4
	1. O bem que se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno.	D5
	2. (...) porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele a quem o senhor recomenda.	D5
	1. [...] porém a beleza da adoração é o que ela proporciona em nós e não no exterior.	D6
	1. Teve uma fala que me marcou na manifestação de hoje.	D7
	2. Se hoje temos meia passagem, foram jovens que foram para as ruas lutar por esse direito	D7
	1. Você tem um guru que se diz filósofo	D8
	2. um ministro que é súdito deste dito filósofo	D8
	1. Ao idioma Português, nossa língua(gem),/Com que falo, escrevo e (re)invento.	D9
2. De um viajante que leva na bagagem/O idioma, guardião	D9	

INTRODUTOR ORACIONAL	do pensamento.	
	3. Isso posto, agora, o que importa/É celebrar, ó nações-lusofonia!	D9
	1. Há um sentido reordenador em desamar quem sucessivamente nos arrancou o tutano da vida.	D10
	1. O ato de empoderar é considerado uma atitude social que consiste na conscientização dos variados grupos sociais	D11
	1.Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. Que é o certo.	D12
	1. e o que você vê revela muito sobre quem você é.	D13
	2. O primeiro animal que você identificar revelará muito sobre sua personalidade.	D13
	1. Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra que você encontra nesta gravura.	D14
	2. A primeira palavra que você encontrar revela aspectos importantes sobre você.	D14
	1. A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade que se diverte aprendendo a escrever o nome	D15
2. Mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.	D15	
3. Vida Maria, um curta-metragem que todos os alunos devem assistir – Revista Prosa ...	D15	
1. O motivo que leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos,	D16	

O movimento de convergência das *Categorias Abertas* está exposto no Quadro 18.

Quadro 18 – Quadro Ilustrativo de Convergências das Categorias nas Descrições dos Sujeitos

<i>Descrições</i> Categorias	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	TOTAL
EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE SUJEITO	2	1	1	4	1	-	2	2	2	1	1	1	-	-	2	1	21
EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL	-	-	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	2	2	1	-	08
INTRODUTOR ORACIONAL	2	1	1	4	2	1	2	2	3	1	1	1	2	2	3	1	29

5.2 Construção dos Resultados

De acordo com a análise realizada no item 5.1.2, a qual trouxe à luz as convergências das *Descrições* reveladas pela função coesiva do pronome relativo nos hipertextos da Rede social Facebook, num movimento de reflexão e de compreensão para que o fenômeno se (re)velasse, retomamos a Questão Norteadora que direcionou nosso percurso metodológico:

De que modo os usuários da Rede Social Facebook empregam o pronome relativo para estabelecer a coesão textual?

Damos início, assim, à compreensão das 3 (três) categorias que emergiram das 16 (dezesseis) *Descrições* analisadas: *Expressão Referencial com função de sujeito* e *Expressão Referencial com função de Complemento Verbal* e *Introdutor Oracional*. A partir dessas categorias, damos continuidade à leitura dos dados da investigação como uma expressão do vivido, não como coisas que simplesmente existem, mas como algo que designa uma realidade apreendida.

A primeira categoria a ser analisada é EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE SUJEITO. Em vista dessa denominação e, também, para uma melhor análise de nosso objeto de estudo, julgamos necessário apresentarmos aqui, embora em linhas gerais, alguns dos pressupostos fundantes do fenômeno referencial, um dos domínios teóricos da Linguística Textual.

Nesse sentido, tomamos a definição apresentada por Cavalcante (2014). Para essa autora, a

[...] referencial diz respeito à atividade de construção de referentes (ou objetos de discurso) apreendidos por meio de expressões linguísticas específicas para tal fim, chamadas de expressões referenciais. [...] podemos dizer que o **referente** é um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais (CAVALCANTE, 2014, p. 98).

Vemos assim, a partir da visão de Cavalcante (2014), que o processo de referencial contribui para o estabelecimento da coesão textual. No caso do pronome relativo como um recurso coesivo, podemos afirmar que ele se constitui uma expressão referencial que retoma um referente do texto, estabelecendo, dessa forma, elos semânticos para a construção dos sentidos do texto.

Koch (2015), ao tratar da referencial, afirma que

um texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre vários movimentos: um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo), representáveis parcialmente pela catáfora e anáfora. (KOCH, 2015, p.99).

É dessa forma que vemos a construção dos hipertextos na Rede Social *Facebook*: o processamento textual se dá de fato nesse movimento de oscilação, tendo no movimento retrospectivo a anáfora representada pelo pronome relativo. Daí considerarmos ser de fundamental importância seu uso no processamento textual.

Cavalcante (2011, 2014) e Koch (2010, 2015, 2017) também nos apresentam os processos referenciais, que são os seguintes: a *Introdução referencial*, por meio da qual é apresentado um novo referente, isto é, um referente sem contexto prévio; *Anáfora (direta)*, quando mantém em foco o referente; *indireta*, correspondendo a um referente novo ancorado no contexto e *encapsuladora*, que resume uma porção textual). A função da *Anáfora* é retomar um referente. Além

desses processos, ainda há a *Dêixis* (pessoal, espacial e temporal), cuja função básica consiste em identificar quem enuncia a expressão dêitica, o local e o tempo em que o enunciador se encontra no momento da enunciação.

Em nossa investigação, não discutimos todos esses processos. Nosso olhar se volta, em razão de nosso objeto de estudo, para a *função anafórica* – embora reconhecamos que os processos referenciais são interdependentes entre si –, evidenciada incisivamente nas Descrições analisadas, por meio das remissões referenciais encadeadas pelos pronomes relativos presentes no cotexto, ou seja, nas realizações linguísticas dos sujeitos interagentes na rede social Facebook.

Com esse propósito, guiamo-nos pela orientação teórica de Cavalcante (2014), a qual afirma:

Diferentemente da introdução referencial, a estratégia anafórica diz respeito à continuidade referencial, ou seja, à retomada de um referente por meio de novas expressões referenciais. As expressões que retomam referentes já apresentados no texto por outras expressões são chamadas de anáforas diretas ou anáforas correferenciais (CAVALCANTE, 2014, p. 123).

A partir dessas considerações sobre o processo de referenciação, damos início à análise da categoria EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE SUJEITO, emergente das seguintes Unidades de Significado:

Tudo de ruim **que** acontece no país ainda é legado de gestão petista. (D1)
 Agora nos estados e municípios **que** possui essa grana vermelha só lamento (D1)
 Isso mesmo, com o “\$” da capitalização **que**, no fim das “conta\$”, só vai te(nos) deixar “li\$ão” (ões). (D1)
 [...] pois foram comidos pelo povo **que** está morrendo de fome! (D3)
 [...] e depois eleger políticos **que** não se importam com a exploração ambiental. (D4)
 A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro **que** elegeu os governos do estado (D4)
 é de cada brasileiro **que** elegeu presidentes desde a criação da Vale por Getúlio. (D4)
 Não seja alienado pela comoção religiosa **que** se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela. (D4)
 O bem **que** se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno. (D5)
 Teve uma fala **que** me marcou na manifestação de hoje. (D7)
 Se hoje temos meia passagem, foram jovens **que** foram para as ruas lutar por esse direito (D7)
 Você tem um guru **que** se diz filósofo (D8)
 Um ministro **que** é súdito deste dito filósofo (D8)
 De um viajante **que** leva na bagagem/O idioma, guardião do pensamento. (D9)
 Isso posto, agora, o **que** importa/É celebrar, ó nações-lusofonia! (D9)
 O ato de empoderar é considerado uma atitude social **que** consiste na conscientização dos variados grupos sociais (D11)
 Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. **Que** é o certo. (D12)

A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade **que** se diverte aprendendo a escrever o nome (D15)
 Mas **que** é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. (D15)
 O motivo **que** leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos (D16)

Nessas Unidades de Significado, são encontrados os seguintes referentes: [tudo de ruim-D1], [nos estados e municípios-D1], [com o \$ da capitalização-D1], [pelo povo-D3], [políticos-D4], [cada mineiro-D4], [cada brasileiro-D4], [pela comoção religiosa-D4], [o bem-D5], [uma fala-D7], [jovens-D7], [um guru-D8], [um ministro-D8], [um viajante-D9], [o-D9], [uma atitude social-D11], [o grau de comprometimento do pai com o neném-D12], [uma menina de cinco anos de idade-D15], [uma menina de cinco anos de idade-D15], [o motivo-D16].

Esses referentes destacados entre colchetes são, portanto, os **termos antecedentes** do pronome relativo **que**, pois, como explica Neves (2018, p. 642 – destaques da autora), “cada elemento que vem retomado pelo PRONOME RELATIVO para que se componha a cadeia recursiva constitui o ‘antecedente’ desse PRONOME”.

Isso posto, e compreendendo o pronome relativo como um elemento referencial importante para estabelecer a coesão textual, e mesmo para ser mantida uma unidade teórico-temática em nossa investigação, corroboramos inteiramente o que preceitua Antunes (2010) nesta definição:

A coesão é uma das propriedades que fazem com que um conjunto de palavras funcione como um texto. Quer dizer, para que um grupo de palavras ou de frases constitua um texto, é necessário que esses conjuntos apresentem um encadeamento, uma articulação, elos de ligação, afinal. **Dessa arrumação articulada resulta um fio que confere ao conjunto sequência, continuidade, unidade** (ANTUNES, 2010, p. 117 – destaque nosso).

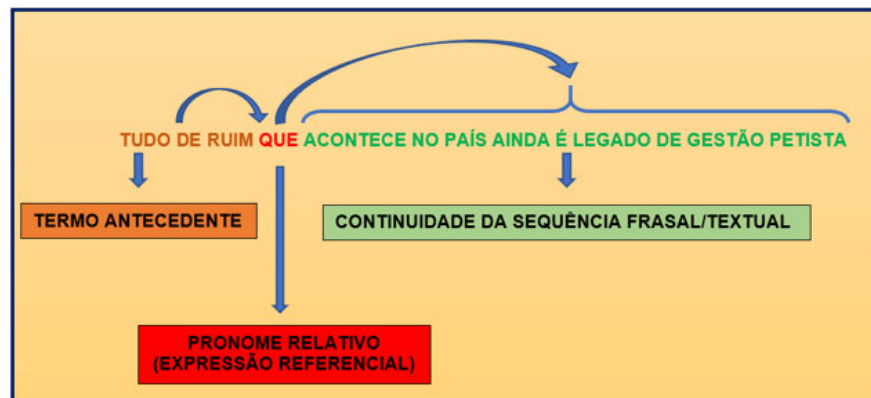
A partir desse entendimento, tomemos como exemplo as seguintes Unidades de Significado:

[Tudo de ruim] **que** acontece no país ainda é legado de gestão petista. (D1)
 A responsabilidade de Brumadinho é de [cada mineiro] **que** elegeu os governos do estado (D4)
 [...] é de [cada brasileiro] **que** elegeu presidentes desde a criação da Vale por Getúlio. (D4)
 [Um ministro] **que** é súdito deste dito filósofo (D8)

Essas Unidades de Significado têm em si elementos textuais que ratificam o que Antunes (2010) afirmou acerca da “continuidade” e “unidade” do texto. Para tanto, basta observarmos o pronome relativo **que** enquanto expressão referencial,

quando, nas realizações linguísticas acima, recupera sintática e semanticamente o seu *termo antecedente*, ao mesmo tempo em que possibilita a progressão textual, o que pode ser melhor observado no esquema a seguir:

Quadro 19 - A progressão textual por meio do pronome relativo



Fonte: Quadro construído pela pesquisadora

Ao construirmos esse quadro, que explicita os nexos entre *termo antecedente*, *pronome relativo* e *continuidade da sequência frasal/textual*, reafirmamos os pressupostos de Koch (2017), quando explica que

[...] a maioria dos pesquisadores passou a classificar os recursos coesivos em dois grandes grupos, responsáveis pelos dois grandes movimentos de construção do texto: a remissão/referência a elementos anteriores (coesão remissiva e/ou referencial) e a coesão sequencial, realizada de forma a garantir a continuidade do sentido (KOCH, 2017, p. 45).

Em se tratando da função referencial do pronome relativo, com base nas Unidades de Significados mostradas anteriormente, bem como no Quadro que denominamos de *A progressão textual por meio do pronome relativo*, vemos que entre as três estratégias de referenciação – *introdução (construção)*, *retomada (manutenção)* e *desfocalização* – o pronome relativo enquadra-se na segunda (*retomada*), que acontece quando “um ‘objeto’ já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco” (KOCH, 2010, p. 125).

A esse respeito, Cardoso (2019) afirma que

É importante lembrarmos que a construção de sentido(s) por meio de retomadas anafóricas transcende as realizações puramente cotextuais¹. **Há momentos [...] em que somente pelo contexto é possível chegarmos à compreensão/interpretação do que é dito pelos sujeitos em suas interações comunicativas** (CARDOSO, 2019, p. 137 – destaque nosso).

Quando o pesquisador afirma que em certos momentos não é possível chegarmos à compreensão/interpretação senão pelo contexto, não exclui a possibilidade de ancoragens cotextuais, isto é, daquelas ocorridas na superfície do texto, o que é evidenciado em nossa pesquisa e demonstrado no QUADRO XIV. Em outras palavras, quando analisamos o uso do pronome relativo em construções textuais, levando em conta os eixos sintagmáticos e paradigmáticos (KENEDY, 2016), vemos a inevitabilidade de sua ligação com um termo “cotextual” antecedente, como já fora explicado neste trabalho.

Uma vez demonstrado o movimento referencial remissivo do pronome relativo, passamos a tratar da função de sujeito desempenhada por esse pronome e que também é ponto fundamental nessa primeira categoria em análise. Para isso, explicitamos, em um quadro demonstrativo, a seguinte Unidade de Significado:

Quadro 20 - Pronome relativo com função de sujeito

SUJEITO	PREDICADO
Um ministro que	é súdito deste dito filósofo
= Um ministro	
Termo da oração com o qual o verbo concorda (ABREU, 2018, p. 426)	

Fonte: Quadro construído pela pesquisadora

Considerando o quadro anterior, e retomando algumas Unidades de Significado oriundas de nossas Descrições, podemos perceber a recorrência da ordem direta da oração, isto é, com o sujeito posicionado antes do predicado. Embora saibamos que o sujeito pode ocupar outra posição na estrutura oracional – ordem inversa da oração – a presença do pronome relativo na oração, atrelado a um termo antecedente, faz com que a ordem direta se mantenha, sempre que sua função sintática for de sujeito (NEVES, 2018), como podemos verificar no quadro a seguir.

¹ Denominação de estruturas que se encontram na superfície do texto.

Quadro 21 - Ordem direta da oração

SUJEITO	PRONOME RELATIVO COM FUNÇÃO DE SUJEITO	PREDICADO
O bem	Que	se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais (D5)
...jovens	Que	foram para as ruas lutar por esse direito (D7)
...um guru	Que	se diz filósofo (D8)
Um ministro	Que	é súdito deste dito filósofo(D8)
...um viajante	Que	leva na bagagem / O idioma, guardião do pensamento. (D9)

Fonte: Quadro construído pela pesquisadora

Contudo, é importante salientar que, quando o pronome relativo “**que**” assume outra função sintática, como a de complemento verbal, por exemplo, a ordem da oração é alterada, uma vez que o complemento verbal se torna o termo antecedente desse pronome, lugar que, na “ordem direta”, seria ocupado pelo sujeito.

Outra ressalva que fazemos diz respeito à Unidade de Significado a seguir:

Há um sentido reordenador em desamar **quem** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D-10)

Nesta Unidade de Significado, encontra-se o pronome [**quem**] que, com base em Castilho (2010), estamos considerando um pronome relativo, embora não tenhamos explícito o referente, ou seja, não temos a presença do termo antecedente. Nesta Unidade de Significado, “**quem** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida” é uma sentença encaixada em “Há um sentido reordenador em desamar”, com o pronome relativo [**quem**] funcionando como uma expressão referencial que “tem por antecedente uma expressão omitida de traço /humano/, parafraseável por [*aquele* θ]. Com isso, desdobrando-se *quem* em *aquele que*, a candidatura das adjetivas volta a ser cogitada” (CASTILHO, 2010, p.370). Assim, a Unidade de Significado pode ser representada da seguinte forma:

Há um sentido reordenador em desamar **aquele que** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D-10)

Com o antecedente de [**quem**] explícito, podemos afirmar que a sentença “**que** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D-10)” encontra-se encaixada

num sintagma nominal de núcleo elíptico (CASTILHO, 2010), o que nos leva a concordar com Martins (1992) que esta Unidade de Significado é uma idiosincrasia, por tratar-se de uma ocorrência singular.

Dando continuidade à compreensão/interpretação das categorias de análise, passemos à segunda categoria: EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL. Essa categoria, assim como a primeira já analisada, também tem uma estreita relação com a coesão textual, uma vez que tem “funções discursivas efetivadas pela utilização expressões referenciais” (CAVALCANTE, 2014, p. 121) que, no caso, são os pronomes relativos.

Dessa forma, compreendemos que nossos estudos baseados nas expressões referenciais proporcionam uma ligação entre a coesão e a referenciação, como apresentado por Halliday e Hasan (1976 *apud* KOCH, 2018, p.45) que “postulam a existência de cinco formas de coesão, a saber: referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical”, portanto, entendemos que a referenciação proporciona uma sequência textual porque está vinculada à coesão.

Feitas estas considerações, apresentamos as Unidades de Significado que formam a segunda categoria de análise:

[...] porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele **a quem** o senhor recomenda. (D5)
 [...] porém a beleza da adoração é o **que** ela proporciona em nós e não no exterior. (D6)
 Ao idioma Português, nossa língua(gem),
 Com **que** falo, escrevo e (re)invento. (D9)
 e o **que** você vê revela muito sobre quem você é.(D13)
 O primeiro animal **que** você identificar revelará muito sobre sua personalidade. (D13)
 Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra **que** você encontra nesta gravura. (D14)
 A primeira palavra **que** você encontrar revela aspectos importantes sobre você. (D14)
 Vida Maria, um curta-metragem **que** todos os alunos devem assistir – Revista Prosa ... (D15)

Nessas Unidades de Significado, encontramos os seguintes referentes: [aquele–D5], [o-D6], [nossa língua(gem)-D9], [o-D13], [o primeiro animal-D13], [a primeira palavra –D14], [a primeira palavra-D14], [um curta-metragem-D15]. Esses referentes são, portanto, os **termos antecedentes** do pronome relativo, o qual funciona também como uma expressão referencial, desempenhando, assim, um papel importante na tessitura textual. Como uma expressão referencial, o pronome relativo exerce “funções textual-discursivas que podem servir para organizar,

argumentar, introduzir referentes, entre outras possibilidades” (CAVALCANTE, 2014, p.133).

Convém destacar que, além da relação que estabelece no texto como expressão referencial, o pronome relativo, nas Unidades de Significado destacadas, exerce a função de complemento verbal.

Neves (2018) afirma que

tradicionalmente se fala em dois tipos de complementos verbais: objetos diretos e objetos indiretos.

Objetos diretos são os que não se iniciam obrigatoriamente por preposição: Ele admira **as linhas clássicas e a sobriedade dos grandes automóveis.** (P-REA). [...]

Objetos indiretos (numa designação geral) são os que se iniciam por preposição: Entregou **ao secretário** uma corrente fina de ouro com uma medalha (BOI-R) (NEVES, 2018, p. 97).

Nesse sentido, após apresentarmos as definições dos complementos verbais, vamos destacar as Unidades de Significado em que o pronome relativo exerce a função de objeto direto e depois as Unidades de Significado em que o pronome relativo tem função de objeto indireto.

Como objeto direto:

[...] porém a beleza da adoração é o **que** ela proporciona em nós e não no exterior. (D6)

e o **que** você vê revela muito sobre quem você é.(D13)

O primeiro animal **que** você identificar revelará muito sobre sua personalidade. (D13)

Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra **que** você encontra nesta gravura. (D14)

A primeira palavra **que** você encontrar revela aspectos importantes sobre você. (D14)

Nessas Unidades de Significado, o pronome relativo **que** funciona como argumento interno, mais precisamente como objeto direto, dos seguintes verbos: [proporcionar-D6], [revelar-D13], [identificar-D-13], [encontrar-D14], [encontrar-D14]. Ele é um constituinte obrigatório nessas Unidades de Significado que, também, são consideradas sentenças, “apresentando uma forte conexão sintática com o verbo por serem por ele selecionados” (CASTILHO, 2010, p.298).

Como objeto indireto:

[...] porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele **a quem** o senhor recomenda. (D5)

Ao idioma Português, nossa língua(gem),/Com **que** falo, escrevo e (re)invento. (D9)

Vida Maria, um curta-metragem **que** todos os alunos devem assistir – Revista Prosa ... (D15)

Nessas Unidades de Significado, destacamos os seguintes verbos: [recomendar-D5], [falar-D9], [assistir-D15]. Esses verbos têm como argumento interno, mais especificamente objeto indireto, o pronome relativo *que*, ao funcionar como complemento verbal, ajuda a construir a tessitura do texto, estabelecendo, assim, a coesão textual, uma vez que funcionam como elos semânticos.

Convém ressaltar que o objeto indireto é um “argumento interno, expresso por um sintagma preposicional comutável pelo pronome *lhe, a ele*, ou por uma sentença” (CASTILHO, 2010, p.266). No caso das Unidades de Significado D9 e D15, o objeto indireto está representado pelo pronome relativo **que**: em D9 está acompanhado da preposição “com”; em D15, foi empregado sem preposição, embora o verbo exija complemento regido pela preposição “a”, considerando a norma padrão da língua.

Fazemos destaque à Unidade de Significado a seguir:

[...] porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele **a quem** o senhor recomenda. (D5)

Nessa Unidade de Significado, encontramos o pronome relativo [**quem**] na função de objeto indireto. Ele está acompanhado da preposição “a”, exigida pela regência do verbo “recomendar”, o que nos leva a afirmar tratar-se de uma construção que está de acordo com os preceitos da norma culta/padrão descrita nos compêndios da gramática tradicional.

Essa Unidade de Significado, por ter em sua estrutura o pronome relativo [**quem**], esse uso do referido pronome foi considerado particular/singular, o que nos leva a dizer tratar-se, também, de uma idiossincrasia (MARTINS, 1992).

Destacamos que tanto a categoria EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE SUJEITO quanto a categoria EXPRESSÃO REFERENCIAL COM FUNÇÃO DE COMPLEMENTO VERBAL mostram que o pronome relativo retoma os referentes nas descrições analisadas e compreendemos essas remissões por causa de um fenômeno presente que realiza essas substituições, como afirma Cardoso (2019, p.137): “a efusiva manifestação do fenômeno anafórico nessas Descrições comprova a importância da anáfora como estratégia referencial para o ato de dizer dos sujeitos interagentes em rede”.

A terceira categoria a ser analisada é INTRODUTOR ORACIONAL, evidenciada nas 16 (dezesesseis) Descrições, a partir das Unidades de Significado destacadas a seguir:

Tudo de ruim **que** acontece no país ainda é legado de gestão petista. (D1)
 Agora nos estados e municípios **que** possui essa grana vermelha só lamento(D1)
 Isso mesmo, com o “\$” da capitalização **que**, no fim das “conta\$”, só vai te (nos) deixar “li\$ão” (ões). (D2)
 [...] pois foram comidos pelo povo **que** está morrendo de fome! (D3)
 [...] e depois eleger políticos **que** não se importam com a exploração ambiental. (D4)
 A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro **que** elegeu os governos do estado (D4)
 [...] é de cada brasileiro **que** elegeu presidentes desde a criação da Vale por Getúlio. (D4)
 Não seja alienado pela comoção religiosa **que** se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela. (D4)
 O bem **que** se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno. (D5)
 [...] porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele **a quem** o senhor recomenda. (D5)
 [...] porém a beleza da adoração é o **que** ela proporciona em nós e não no exterior. (D6)
 Teve uma fala **que** me marcou na manifestação de hoje. (D7)
 Se hoje temos meia passagem, foram jovens **que** foram para as ruas lutar por esse direito. (D7)
 Você tem um guru **que** se diz filósofo (D8)
 [...] um ministro **que** é súdito deste dito filósofo. (D8)
 Ao idioma Português, nossa língua(gem)/Com **que** falo, escrevo e (re)invento. (D9)
 De um viajante **que** leva na bagagem/O idioma, guardião do pensamento. (D9)
 Isso posto, agora, o **que** importa/É celebrar, ó nações-lusofonia! (D9)
 Há um sentido reordenador em desamar **quem** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D10)
 O ato de empoderar é considerado uma atitude social **que** consiste na conscientização dos variados grupos sociais (D11)
 Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. **Que** é o certo. (D12)
 e o **que** você vê revela muito sobre quem você é.(D13)
 O primeiro animal **que** você identificar revelará muito sobre sua personalidade. (D13)
 Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra **que** você encontra nesta gravura. (D14)
 A primeira palavra **que** você encontrar revela aspectos importantes sobre você. (D14)
 A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade **que** se diverte aprendendo a escrever o nome (D15)
 Mas **que** é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. (D15)
 Vida Maria, um curta-metragem **que** todos os alunos devem assistir – Revista Prosa (D15)
 O motivo **que** leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos (D16)

Nessas Unidades de Significado, o pronome relativo se manifesta como iniciador de uma estrutura oracional, conforme demonstrado no Quadro a seguir:

Quadro 22 – Quadro das Orações Adjetivas

INTRODUTOR ORACIONAL	ORAÇÃO QUE INTRODUZ – ADJETIVA
que (D1)	Tudo de ruim [que acontece no país] ainda é legado de gestão petista.
que (D1)	Agora nos estados e municípios [que possui essa grana vermelha] só lamento
que (D2)	Isso mesmo, com o “\$” da capitalização [que, no fim das “conta\$”, só vai te (nos) deixar “li\$ão” (ões)].
que (D3)	pois foram comidos pelo povo [que está morrendo de fome!]
que (D4)	e depois eleger políticos [que não se importam com a exploração ambiental.]
que (D4)	A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro [que elegeu os governos do estado]
que (D4)	[...] é de cada brasileiro [que elegeu presidentes] desde a criação da Vale por Getúlio.
que (D4)	Não seja alienado pela comoção religiosa [que se cria] em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela.
que (D5)	O bem [que se faz] buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno.
que (D5)	porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele [a quem o senhor recomenda.]
que (D6)	porém a beleza da adoração é o [que ela proporciona em nós e não no exterior.]
que (D7)	Teve uma fala [que me marcou na manifestação de hoje.]
que (D7)	Se hoje temos meia passagem, foram jovens [que foram para as ruas] lutar por esse direito
que (D8)	Você tem um guru [que se diz filósofo]
que (D8)	[...] um ministro [que é súdito deste dito filósofo]
que (D9)	Ao idioma Português, nossa língua(gem), [Com que falo], [escrevo] [e (re)invento.]
que (D9)	De um viajante [que leva na bagagem]/O idioma, guardião do pensamento.
que (D9)	Isso posto, agora, o [que importa]/É celebrar, ó nações-lusofonia!
que (D10)	Há um sentido reordenador em desamar [quem sucessivamente nos arrancou o tutano da vida.]
que (D11)	O ato de empoderar é considerado uma atitude social [que consiste na conscientização dos variados grupos sociais]
que (D12)	Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. [Que é o certo.]
que (D13)	e o [que você vê] revela muito sobre quem você é.
que (D13)	O primeiro animal [que você identificar] revelará muito sobre sua

	personalidade.
que (D14)	Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra [que você encontra nesta gravura.]
que (D14)	A primeira palavra [que você encontrar] revela aspectos importantes sobre você.
que (D15)	A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade [que se diverte] aprendendo a escrever o nome
que (D15)	Mas [que é obrigada pela mãe] a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça.
que (D15)	Vida Maria, um curta-metragem [que todos os alunos devem assistir] – Revista Prosa ...
que (D16)	O motivo [que leva alguns policiais] a fazerem justiça com as próprias mãos

Nessas Unidades de Significado, o pronome relativo, além das funções já explicitadas nas duas primeiras categorias, tem outra função: a de recursividade nas orações que introduz.

Como INTRODUTOR ORACIONAL, a oração que o pronome relativo inicia

[...] é sempre de natureza adjetiva (serve de adjunto adnominal a um termo da oração subordinante). O que caracteriza o pronome relativo é a sua relação anafórica com o antecedente. Vale dizer: sem antecedente (claro ou subentendido) não há pronome relativo (CARVALHO, 2007, p. 297).

Nas afirmações de Carvalho (2007), a oração iniciada por um pronome relativo tem a função de um adjunto adnominal do termo da oração principal ou subordinante. Como possui valor de um adjetivo, essa oração se classifica como uma oração adjetiva que também pode ser chamada de oração relativa, por ser iniciada por um pronome relativo.

Nas Unidades de Significado descritas no Quadro XVII, encontramos esse tipo de oração, conforme podemos comprovar a seguir:

Tudo de ruim **que** acontece no país ainda é legado de gestão petista. (D1)
 Agora nos estados e municípios **que** possui essa grana vermelha só lamento(D1)
 Isso mesmo, com o “\$” da capitalização **que**, no fim das “conta\$”, só vai te (nos) deixar “li\$ão” (ões). (D2)
 [...] pois foram comidos pelo povo **que** está morrendo de fome! (D3)
 [...] e depois eleger políticos **que** não se importam com a exploração ambiental. (D4)
 A responsabilidade de Brumadinho é de cada mineiro **que** eleger os governos do estado (D4)
 [...] é de cada brasileiro **que** eleger presidentes desde a criação da Vale por Getúlio. (D4)
 Não seja alienado pela comoção religiosa **que** se cria em um momento de se fazer justiça, de se buscar por ela. (D4)
 O bem **que** se faz buscando auto-promoção ou destaque jamais será considerado um bem genuíno. (D5)

[...] porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele **a quem** o senhor recomenda. (D5)
 [...] porém a beleza da adoração é o **que** ela proporciona em nós e não no exterior. (D6)
 Teve uma fala **que** me marcou na manifestação de hoje. (D7)
 Se hoje temos meia passagem, foram jovens **que** foram para as ruas lutar por esse direito. (D7)
 Você tem um guru **que** se diz filósofo (D8)
 [...] um ministro **que** é súdito deste dito filósofo. (D8)
 Ao idioma Português, nossa língua(gem)/Com **que** falo, escrevo e (re)invento. (D9)
 De um viajante **que** leva na bagagem/O idioma, guardião do pensamento. (D9)
 Isso posto, agora, o **que** importa/É celebrar, ó nações-lusofonia! (D9)
 Há um sentido reordenador em desamar **quem** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D10)
 O ato de empoderar é considerado uma atitude social **que** consiste na conscientização dos variados grupos sociais (D11)
 Fiquei observando o grau de comprometimento do pai com a neném. **Que** é o certo. (D12)
 e o **que** você vê revela muito sobre quem você é.(D13)
 O primeiro animal **que** você identificar revelará muito sobre sua personalidade. (D13)
 Segundo a psicologia emocional, a primeira palavra **que** você encontra nesta gravura. (D14)
 A primeira palavra **que** você encontrar revela aspectos importantes sobre você. (D14)
 A história da personagem “Maria José”, uma menina de cinco anos de idade **que** se diverte aprendendo a escrever o nome (D15)
 Mas **que** é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. (D15)
 Vida Maria, um curta-metragem **que** todos os alunos devem assistir – Revista Prosa (D15)
 O motivo **que** leva alguns policiais a fazerem justiça com as próprias mãos (D16)

Nessas Unidades de Significado, a categoria INTRODUTOR ORACIONAL está introduzindo orações como “um recurso de que se os usuários das mais variadas línguas para codificar linguisticamente uma necessidade de delimitar, especificar ou comentar o conteúdo de um elemento nominal” (BISPO; CUNHA, 2019, p.134). Essa categoria introduz orações adjetivas/relativas do tipo padrão, à exceção da oração adjetiva presente na Unidade de Significado “que todos os alunos devem assistir (D15)”.

Nas orações adjetivas/relativas do tipo padrão, o INTRODUTOR ORACIONAL QUE exhibe as formas correspondentes ao caso² que recebem do verbo (CASTILHO, 2010), conforme já descrito nas duas primeiras categorias analisadas. Fazemos destaque às Unidades de Significado que apresentam oração adjetiva iniciada pelo INTRODUTOR ORACIONAL QUEM:

² Estamos nos referindo aos casos latinos: nominativo, função de sujeito; acusativo, função de objeto direto; dativo, função de objeto indireto; ablativo, função de complemento oblíquo; genitivo, função de adjunto adnominal (CASTILHO, 2010, p.367).

[...] porquanto, quem se vangloria não será aprovado, mas sim aquele **a quem** o senhor recomenda. (D5)

Há um sentido reordenador em desamar **quem** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D10)

Em D5, o Introdutor Oracional [**quem**] vem antecedido da preposição “a” exigida pelo verbo da oração adjetiva/relativa “recomendar”, caracterizando-se, assim, como uma oração adjetiva/relativa padrão.

Em D10, conforme já descrito anteriormente, o Introdutor Oracional [**quem**] está funcionando como uma expressão referencial que pode ser parafra-seável por [*aquele θ*], podendo apresentar a seguinte estrutura:

Há um sentido reordenador em desamar **aquele que** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D-10)

Assim, ao ser explicitado o antecedente do INTRODUTOR ORACIONAL QUEM, podemos dizer que a oração “**quem** sucessivamente nos arrancou o tutano da vida. (D10)” se classifica como uma oração adjetiva/relativa livre, por estar encaixada em um sintagma nominal de núcleo elíptico (CASTILHO, 2010).

Outros autores também afirmam a existência de orações adjetivas/relativas livres, como é o caso de Rocha Lima (1994), Mateus et al (2003), Marchesan e Mioto (2014), Perini (2010), dentre outros. Considerando a visão desses autores, também apresentam orações relativas livres as seguintes Unidades de Significado:

[...] porém a beleza da adoração é o **que** ela proporciona em nós e não no exterior. (D6)

Isso posto, agora, o **que** importa/É celebrar, ó nações-lusofonia! (D9)
e o **que** você vê revela muito sobre quem você é.(D13)

Nessas Unidades de Significado, o INTRODUTOR ORACIONAL QUE está iniciando orações relativas livres, as quais podem ser parafra-seadas da seguinte forma:

[...] porém a beleza da adoração é **aquilo que ela proporciona em nós e não no exterior**. (D6)

Isso posto, agora, **aquilo que importa/É celebrar, ó nações-lusofonia!** (D9)
e **aquilo que você vê revela muito** sobre quem você é.(D13)

Pelo exposto, podemos afirmar que as orações relativas livres introduzidas pelos pronomes relativos “quem” e “que”, INTRODUTORES ORACIONAIS, apresentam características como orações relativas comuns, “mas não se conectam

a um antecedente sintático; daí a denominação “livres”, por não estarem presas a um núcleo nominal realizado sintaticamente” (MEDEIROS Jr., 2015, p.8).

Fazemos destaque, também, à seguinte Unidade de Significado:

Vida Maria, um curta-metragem **que** todos os alunos devem assistir – Revista Prosa (D15)

Nessa Unidade de Significa, encontra-se o INTRODUTOR ORACIONAL QUE numa função preposicionada de objeto indireto, conforme já explicitado na 2ª Categoria de análise. Por exercer essa função, de acordo com a norma padrão, o pronome relativo como INTRODUTOR da oração adjetiva/relativa deveria vir antecedido da preposição exigida pelo verbo “assistir”, pois, de acordo com a língua padrão, esse verbo, por ter sido empregado no sentido de “ver”, “observar”, é considerado de transitividade indireta, devendo, portanto vir regido pela preposição “a”. Por estarem “ausentes a preposição regente e o sintagma relativizado” (BISPO, 2007, p.5), a oração é considerada relativa cortadora.

Convém destacar que tanto nas orações adjetivas/relativas do tipo padrão quanto na oração adjetiva/relativa livre e na oração adjetiva/relativa cortadora, o INTRODUTOR ORACIONAL funciona como elos semânticos entre as orações, para a construção dos sentidos do texto.

Um aspecto importante a considerar diz respeito ao que Perini (2010) afirma sobre a estrutura das orações adjetivas/relativas. Para o autor (2010, p.189),

As estruturas relativas têm uma estrutura muito peculiar, e são fáceis de identificar. Elas em geral se compõem de um **nominal** (que pode ser acompanhado de determinante e/ou modificador), seguido de um **relativo** (que, quem, onde), seguido de **uma estrutura oracional aparentemente incompleta**, isto é, faltando um dos complementos. E essa sequência de nominal + relativo + estrutura oracional incompleta forma um **sintagma nominal**.

Essa estrutura a que o autor se refere está presente nas Unidades de Significado que apresentam o pronome relativo como INTRODUTOR ORACIONAL. Tomemos uma dessas Unidades de Significado para demonstrar a estrutura das orações adjetivas/relativas, na visão de Perini (2010):

Tudo de ruim que acontece no país ainda é legado de gestão petista. (D1)

Nessa Unidade de Significado, a parte destacada, ou seja, “Tudo de ruim que acontece no país” é a estrutura relativa, a qual é um Sintagma Nominal, a saber,

o sujeito da oração que contém o verbo “ser”. Essa estrutura consta dos seguintes elementos: um nominal (Tudo de ruim), do pronome relativo (que) e da estrutura oracional aparentemente incompleta “acontece no país”. Podemos assim afirmar que se trata de uma estrutura relativa, a qual forma um Sintagma Nominal.

Isso posto, ratificamos a afirmação de Castilho (2019, p.136) de que “quanto à função sintática da própria oração relativa, as gramáticas da língua portuguesa são unânimes em afirmar que ela exerce a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente [...]”.

Mesmo não sendo escopo deste trabalho tratar do processo de relativização das orações, consideramos importantes abordar, também, a semântica das orações adjetivas/relativas, uma vez que a categoria INTRODUTOR ORACIONAL está diretamente ligada a esse tipo de oração, funcionando como nexos coesivos, de acordo com Antunes (2010, p.117):

Por isso mesmo, a coesão é mais tipicamente linguística do que a coerência; isto é, se materializa nas ocorrências de vários recursos morfossintáticos e lexicais, ou, noutros termos, se faz pela mediação das relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais (ANTUNES, 2010, p 117).

Essa mediação das relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais contribui para o enquadramento das orações adjetivas/relativas em restritivas e explicativas.

Cunha e Cintra (2000) afirmam que as orações adjetivas/relativas se classificam, quanto ao sentido, em restritivas e explicativas:

As RESTRITIVAS, como o próprio nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula. [...] As EXPLICATIVAS acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto. Mas por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido *essencial* da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula. (CUNHA; CINTRA, 2000, p.588-589).

Outros gramáticos também classificam as orações adjetivas/relativas com base em suas propriedades semânticas, conforme o fizeram Cunha e Cintra (2000), Azeredo (2000), Bechara (2009), Castilho (2010), Rocha Lima (2006). Também

corroboram essa classificação, com base numa abordagem funcional das orações adjetivas, autores como Kenedy (2002), Mateus et al (2003), Neves (2018).

Com base nessa classificação, as orações iniciadas pela categoria INTRODUTOR ORACIONAL, à exceção da oração presente em D11, são orações adjetivas restritivas, por especificarem o “sentido do sintagma nominal em que estão encaixadas, agregando alguma informação relevante” (CASTILHO, 2010, p.370), conforme podemos comprovar em D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8, D9, D10, D12, D13, D14, D15, D16.

Fazemos destaque à oração adjetiva presente em D11:

O ato de empoderar é considerado uma atitude social **[que consiste na conscientização dos variados grupos sociais]** (D11)

A oração **[que consiste na conscientização dos variados grupos sociais]** (D11) se classifica como adjetiva explicativa, por estar funcionando como um aposto do sintagma nominal “atitude social”, embora não apresente o termo antecedente separado por vírgula.

Embora não seja escopo de nosso trabalho tratarmos das orações adjetivas, fizemos essa sucinta abordagem porque a categoria INTRODUTOR ORACIONAL está funcionando como nexos coesivos, os quais estão diretamente relacionados à estruturação sintática dos enunciados, como esclarece Antunes (2010, p.90):

A substituição de uma palavra por um pronome [...] constitui o que vimos aqui chamando de substituição gramatical. É um recurso reiterativo, uma vez que promove a retomada de referências feitas em segmentos presentes no texto. Cria, desta forma, a continuidade necessária à coerência, no caso dos pronomes, a continuidade referencial.

Dessa forma, reiteramos que a coesão textual contribuiu para entendermos a real função dos pronomes relativos nas orações adjetivas/relativas, a partir das Unidades de Significado apresentadas, uma vez que os pronomes exercem a função de ligar as orações e dar sentido à tessitura do texto, em destaque, para os hipertextos digitais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito apresentar o percurso investigativo acerca da função coesiva dos pronomes relativos, nos hipertextos da Rede Social *Facebook*. Nessa trajetória percorrida, tomando por base as teorias linguísticas, em consonância com o método fenomenológico de investigação, adentramos no mundo da língua (gem) de sujeitos que utilizam essa rede social da web para interagir com-outro-no-mundo. Buscamos compreender os elos semânticos presentes nos hipertextos e seu funcionamento na coesão textual, sem perder de vista nossa questão norteadora: De que modo os usuários da Rede Social *Facebook* empregam o pronome relativo para estabelecer a coesão textual?

Para respondermos a essa questão, respaldamo-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, mais especificamente na perspectiva sociocognitivo-interacionista, analisando a coesão textual como um fator de textualidade, e tendo como ponto de partida a definição de texto e suas relações semântico-pragmáticas, a fim de compreendermos a função coesiva dos pronomes relativos, que está diretamente ligada aos recursos de coesão utilizados pelos interagentes, em vista de construção de sentidos nos espaços de escrita da Rede Social *Facebook*.

Ao procurarmos desvelar os elos semânticos empregados pelos interagentes na construção de sentido dos textos produzidos nas interações comunicativas facebookianas, percebemos que esses elos semânticos construídos num processo de negociação entre os coenunciadores, fazendo parte de uma das perspectivas mais recentes da Linguística Textual: a perspectiva sociocognitivo-interacionista – fundamento de nossa análise –, considerando que a língua(gem) se constitui “o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural” (KOCH, 2009, p.32).

Outro fator relevante para respondermos à questão norteadora foi a escolha da metodologia de base fenomenológica. A Fenomenologia, como uma trajetória metodológica, nos levou a “ir às coisas mesmas” (HUSSERL, 2006), ou seja nos possibilitou uma investigação direta dos fenômenos que foram experienciados por nossa consciência na pesquisa, aproximando-nos como sujeitos pesquisadores do nosso objeto de estudo.

Ao investigarmos a função coesiva dos pronomes relativos nos hipertextos da Rede Social *Facebook*, o fizemos sem conceitos pré-concebidos, ou seja, livre de

concepções dadas a priori, por meio uma aproximação/afastamento em relação aos hipertextos, o que, de forma geral, se constituiu um jeito de proceder numa pesquisa de âmbito fenomenológico.

Assim sendo, os nossos resultados emergiram a partir das Unidades de Significado por meio da Análise Ideográfica e, posteriormente, da convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas, pela Análise Nomotética, em conformidade com o nosso aporte teórico. Em vista disso, chegamos a pontos relevantes de nossa investigação, entre os quais, destacamos os seguintes:

1) O hipertexto é um texto múltiplo, pois possibilita ao interagente o acesso a inúmeros textos por meio de links.

Nessa lógica, constatamos que o hipertexto possui um dinamismo em sua estrutura, proporcionando uma interatividade entre os interagentes da Web. Compreendemos que, com essa nova arquitetura textual, podemos abranger diversos textos, ampliando nosso universo de interação no ciberespaço.

2) O hipertexto possui um caráter não linear e configura-se, de acordo com as teorias correntes, não como um gênero, mas como um modo de produção textual que pode se estender a todos os gêneros.

3) No hipertexto, a intertextualidade, um de seus elementos integrantes, é explícita, pois a inter-relação entre textos é disponibilizada na íntegra ao leitor no momento da leitura.

4) No hipertexto, a coesão tem uma dupla função: estabelecer os nexos que ligam as partes de um período e sinalizar onde estão os nexos e os pontos que eles articulam.

Sendo assim, os resultados decorrentes da análise dos 16 (dezesseis) hipertextos digitais selecionados revelaram que, na estrutura hipertextual peculiar aos ambientes virtuais, a coesão textual, assim como nos textos produzidos fora do ciberespaço, também se manifesta por meio de recursos linguísticos devidamente articulados entre si. Os hipertextos produzidos na Rede Social *Facebook* revelam a articulação dos nexos coesivos como de fundamental importância para as relações que vão se estabelecendo em vários segmentos desses hipertextos. Podemos afirmar que as características da textualidade também se fazem presentes nos hipertextos digitais.

Em relação à coesão textual, a análise revelou que ela se manifestou por meio de dois procedimentos que, por sua vez, evidenciam os recursos linguísticos empregados pelo autor: a função referencial e a função por conexão inter-oracional.

5) Os pronomes relativos como recursos coesivos estabelecem as ligações inter-oracionais, promovendo a construção de sentido dos hipertextos.

Os resultados comprovam que os pronomes relativos apresentam uma funcionalidade, realizando os nexos que dão unidade ao texto. Os laços estabelecidos entre as subpartes dos textos são feitos a partir das retomadas realizadas por meio dos pronomes relativos com seus referentes, e essas conexões entre sentenças promovem a coesão textual. No momento da retomada dos termos antecedentes – o que consideramos como inevitável em termos sintáticos e pragmático-textuais – o pronome relativo consubstancializa um processo referencial anafórico, em razão de seu caráter sempre remissivo, o que o torna um elemento importantíssimo à coesão do texto.

Os resultados também comprovam que houve a predominância do pronome relativo “que”, nos hipertextos publicados pelos interagentes na Rede Social *Facebook*. Esse fato nos leva a afirmar que o conjunto dos pronomes vem sofrendo séria restrição no Português Brasileiro, com a consequente generalização do pronome “que” (CASTILHO, 2010). Assim, nos textos produzidos no espaço virtual, essa tendência também se evidenciou.

Consideramos importante destacar a relação entre a Linguística Textual e a Fenomenologia. Ao fazermos essa ligação teórica e metodológica, colocamo-nos diante da tarefa de investigar como os usuários da Rede Social *Facebook* empregam o pronome relativo para estabelecer a coesão textual. Ao buscarmos responder à questão norteadora da pesquisa, por meio da análise ideográfica e da análise nomotética, desvelamos a função coesiva do pronome relativo, a partir de 3 (três) Categorias Abertas: Expressão Referencial com Função de Sujeito, Expressão Referencial com Função de Complemento Verbal e Introdutor Oracional.

Em vista disso, compreendemos que os pressupostos teóricos da Linguística Textual possibilitaram mostrar que o pronome relativo possui duas funções: a função de conectivo que introduz a oração adjetiva e a função referencial, já que o pronome relativo sempre tem uma função anafórica, uma vez que se reporta ao seu termo antecedente. Portanto, ressaltamos que as análises fenomenológicas vieram

comprovar as funções do pronome relativo já apontadas pela Linguística Textual e mais as funções já cristalizadas pela gramática normativa, desveladas na construção de nossos resultados, os quais são: pronome com função de sujeito, de objeto direto, de objeto indireto e como conectivo para ligar oração subordinada adjetiva.

Isso posto, não podemos deixar de evidenciar as contribuições da Linguística da Internet, pois a partir dela, ampliamos os estudos a respeito de hipertexto digital, ciberespaço, *Facebook* como rede social, o que contribuiu para promover a conexão com os estudos teóricos da Linguística Textual. Em consonância com essa relação, conseguimos comprovar que os hipertextos digitais seguem as mesmas regras de textualidade dos textos convencionais; a divergência seria apenas a forma de aplicabilidade, pois aqueles se encontram no suporte da web.

A pesquisa nos revelou faces importantes do fenômeno por nós estudado que, acreditamos, abrem um caminho profícuo para futuras pesquisas, podendo alguns aspectos, com o avançar dos estudos, serem reapreciados, ampliados ou até mesmo refutados, em função de uma epistemologia linguística consistente e aberta a mudanças produtivas, principalmente para a Linguística Textual.

Assim, ressaltamos que as abordagens aqui apresentadas correspondem a um importante avanço epistemológico no âmbito da Linguística Textual, sobretudo, no que diz respeito à incursão da investigação para o universo digital, que alberga interações humanas na Web, um terreno ainda pouco explorado pela linguística e que tem muito a oferecer em termos de pesquisa e poderá contribuir para ampliar os estudos sobre a textualidade e os sentidos evocados pelos hipertextos como produto da interação social no ciberespaço que emana de saberes históricos, sociais e coletivos.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. O que é linguística textual? In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (Orgs.) **Linguística Textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quadrilha**. Disponível em: www.escritas.org/quadrilha. Acesso em: 14 fev.2020.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1971.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEUGRANDE, R.A. de; DRESSLER, W.U. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1981.

BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BICUDO, M^a Aparecida. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M^a Aparecida; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

BISPO, Edvaldo Balduino. Oração adjetiva cortadora: análise de ocorrências e implicações para o ensino de português. In: **Linguagem e ensino**, v. 10. N^o 1, p.163-186, jan./jun., 2007.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CAMPOS, Nilton. **O Método fenomenológico na psicologia**. 96f. Tese de Concurso apresentada à Cátedra, Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1945.

CARDOSO, Evaldo Carlos de Oliveira. **A referenciação e a construção de sentido(s) no texto digital**: um olhar fenomenológico. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A imagem no Facebook. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tania G. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARVALHO, José Luís Felício, VERGARA, Sylvia Constant. A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, Jul./Set. 2002, v. 42, n. 3.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **História do português brasileiro**: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto (Orgs.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA VAL, M^a da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge University Press, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FÁVERO, Lenor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes e; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FINI, Maria Inês. Sobre a pesquisa qualitativa em educação que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, M^a Aparecida; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1993.

FRAZÃO, Elisiane Araújo dos Santos. **O português escrito no Facebook: uma descrição dos marcadores conversacionais**. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica**. São Paulo: Paulus, 2008.

HESSEN, Joannes. **Teoria do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HOLANDA, A. F.; FREITAS, J. L. Fenomenologia e Psicologia. Vinculações. In: PEIXOTO, A. J. (Org.). **Fenomenologia**. Diálogos Possíveis Campinas: Alínea / Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 6. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

KENEDY, E. **Articulação entre cláusulas – uma abordagem funcional das relativas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Mimeo.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na linguística textual. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 22 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: **O futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, Ozeneide V. de Melo. A pesquisa qualitativa: modalidade Fenômeno Situado. In: BICUDO, Mª Aparecida; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

MACHADO, Ozeneide V. de Melo. **Concepção do ensino de ciências de professores e alunos da escola de 1º grau**. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto: o que é e como se faz?** . São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C (Org). **Hipertexto e gêneros digitais**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Joel; BICUDO, M^a Aparecida. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTINS, Joel; BICUDO, M^a Aparecida. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MATEUS, Mira. et alii. **Gramática do Português**. Lisboa: Ed. Caminho, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. São Paulo: Papyrus, 1990.

MOREIRA, Daniel Augusto O Método Fenomenológico na Pesquisa. São Paulo: Thompson Pioneira, 2002.

MOREIRA, Daniel Augusto. Pesquisa em Administração: Origens, usos e variantes do método fenomenológico. In: XXVI Reunião da ANPAD, 2002, Salvador. Anais da XXVI Reunião da ANPAD, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

ROCHA LIMA. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 2006.

SANTOS, Veraluce Lima dos. **O ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem fenomenológica**. Dissertação (Dissertação em Educação). UFMA – São Luís, 1997.

VIANA, Manuela M.C. **LIBRAS E PORTUGUÊS COMO L2: a escrita dos surdos nas redes sociais**. 2017.152f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.